



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA LEITURA DA GUERRA A PARTIR
DO JORNAL "A UNIÃO"

RAIMUNDO CANDIDO TEIXEIRA JÚNIOR

CAMPINA GRANDE - PB
MARÇO DE 2013

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA LEITURA DA GUERRA A PARTIR DO
JORNAL “A UNIÃO”**

RAIMUNDO CANDIDO TEIXEIRA JÚNIOR

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Severino Cabral Filho

Campina Grande

2013



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

RAIMUNDO CÂNDIDO TEIXEIRA JÚNIOR

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA LEITURA DA GUERRA A PARTIR DO
JORNAL “A UNIÃO”**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Severino Cabral Filho (Orientador)

Prof. Dr. Alarcon Agra Do Ó (Examinador)

Prof. Dr. José Benjamim Montenegro (Examinador)

Monografia aprovada em __/__/__

CAMPINA GRANDE – PB

2013

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me presenteado com o maravilhoso espetáculo da vida e por ter me proporcionado a conclusão de mais um curso superior. Agradeço pela força, principalmente nos momentos de dificuldade ao longo desses anos de muito trabalho e dedicação.

Agradeço aos meus pais pela maneira exemplar que me criaram, pelos aconselhamentos no decorrer de minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Por compartilhar os momentos tristes e felizes e pelas palavras carinhosas, algumas vezes duras, que me fizeram seguir em frente.

À minha querida irmã Samara Cristina que me auxiliou nos trabalhos mais desafiadores da universidade, contribuindo para o êxito de todos eles, e especialmente pela grande ajuda proporcionada na pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus colegas de sala, dentre eles, alguns que se tornaram bons amigos ao longo do curso de História. Dos quais, jamais me esquecerei dos episódios trágicos aos mais cômicos. Não poderia esquecer Eiry Anne e de Juliene Câmara, pelos momentos de dificuldades e de conquistas que partilhamos ao longo dessa caminhada acadêmica.

À todos os professores que fazem parte da Unidade Acadêmica de História e Geografia do curso de História da UFCG, especialmente pela dedicação e empenho em nos fazer pensar a História sob diversos pontos de vista e principalmente, por nos fazer mudar nossa concepção de História, encarando-a como uma ciência do presente.

À professora Rosilene Montenegro e ao professor Luciano Mendonça pelo auxílio na Câmara Plena da universidade, que me permitiu seguir em frente em concluir o curso de História, mesmo diante de tantas injustiças que ocorrem nas reuniões da Câmara Superior de Ensino dessa instituição.

Ao professor orientador Severino Cabral, por ter me ajudado a construir esse trabalho na medida do possível, por ter apontado caminhos para que a pesquisa pudesse

ser realizada, pelas indicações de leituras e pela enorme compreensão das dificuldades que envolvem o processo de Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao professor Benjamim Montenegro e ao professor Alarcon Agra, pelo excelente trabalho que realizam no curso de História, sobretudo, na condição de educadores, e por aceitar compor a Banca Examinadora deste trabalho.

Agradeço também aos colaboradores do Arquivo Público do Espaço Cultural de João Pessoa, em especial ao Sr. Pedro, que nos recebeu de braços abertos, nos proporcionando tranquilidade para examinar os jornais e utilizá-los na pesquisa deste trabalho.

E por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação e êxito ao longo dessa jornada, meus sinceros agradecimentos.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA LEITURA DA GUERRA A PARTIR DO JORNAL “A UNIÃO”

RESUMO

O presente trabalho tem como indagação central compreender as representações da Segunda Guerra Mundial a partir do jornal paraibano “A União”. A pesquisa engloba o período que vai de 1939 a 1945, busca estabelecer relações entre as transformações da modernidade e a utilização do avião enquanto instrumento decisivo de guerra. E por fim, discutimos os ideais nacionalistas da nação brasileira e sua reafirmação enquanto nação durante e depois da guerra, bem como a inserção do estado da Paraíba neste contexto.

Palavras-chave: Representações, Segunda Guerra, Jornal

ABSTRACT

The present work has as central quest to understand the representations of World War II from the Paraíba's newspaper "A União". Research that encompasses the period from 1939 to 1945, seeks to establish relations between the transformations of modernity and the use of the airplane while decisive instrument of war. And finally, we discussed the nationalist ideals of the Brazilian nation and its reaffirmation as nation during and after the war, as well as the insertion of Paraíba State in this context.

Key words: Representations, World War II, Newspaper

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I: A MODERNIDADE E O AVIÃO.....	22
1.1. Os recursos Utilizados pelo Jornal para Representar a Guerra.....	22
1.2. A Modernidade Durante a Guerra.....	26
1.3. A Questão Aérea no Brasil e na Paraíba.....	31
CAPÍTULO II: A REAFIRMAÇÃO DA NAÇÃO NO CONTEXTO DE GUERRA.....	39
2.1 A Identidade Nacional e a Construção da Imagem do Inimigo.....	39
2.2. O Nacionalismo Brasileiro Expresso no Jornal.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

Trabalhar a Segunda Guerra Mundial em uma monografia significa se reportar a um dos momentos mais marcantes da nossa história, seja em âmbito mundial ou nacional. É a partir da Segunda Guerra que a configuração dos espaços geográficos do planeta foi completamente reestruturada, resultando principalmente na emergência de novas potências econômicas internacionais, a exemplo dos Estados Unidos. Também é relevante lembrar o salto econômico obtido pelo Brasil através do desenvolvimento de sua indústria incipiente.

Sob uma perspectiva local, diversas informações eram veiculadas através dos jornais para a população brasileira se manter informada sobre tudo que acontecia durante a Segunda Guerra. De modo que as notícias poderiam vir de jornais tidos como “oficiais”, populares ou acadêmicos.

Durante os conflitos da Segunda Guerra Mundial, mais de 25 mil soldados brasileiros foram enviados para a Europa, esses soldados chamados de “pracinhas” entraram em conflito contra forças armadas italianas, resultando em uma vitória, mas obtendo a perda de 943 homens. Não apenas para Brasil, mas em todos os países que participaram da Segunda Guerra Mundial os resultados foram desastrosos.

Estima-se que houve o óbito superior a dez milhões de pessoas na guerra e nos campos de concentração, algumas nações ficaram completamente destruídas. Afirma o historiador Eric Hobsbawm¹ que:

Filas de rostos pálidos murmurando, máscaras de medo, Eles deixam as trincheiras, subindo pela borda, Enquanto o tempo bate vazio e apressado nos pulsos, E a esperança, de olhos furtivos e punhos cerrados, naufraga na lama. Ó Jesus, fazei com que isso acabe! Siegfried Sassoon (1947, p. 71) Talvez se ache melhor, em vista das alegações de "barbaridade" dos ataques aéreos, manter as aparências com a formulação de regras mais brandas e também limitando-se nominalmente o bombardeio a alvos de caráter estritamente militar [...] para evitar enfatizar a verdade de que a guerra aérea tornou tais restrições obsoletas e impossíveis. (HOBSBAWM, 1994, p.25)

¹ Eric John Earnest Hobsbawm foi um historiador que utilizou o método materialismo histórico para análise da História, seu trabalho é voltado para o estudo da construção das tradições no contexto do Estado-nação, sempre a partir do princípio da luta de classes.

Conforme a citação em destaque, em detrimento de todas as perdas humanas geradas pela guerra, Hobsbawm coloca o século XX como sendo uma “Era de Guerra Total”, pois até então nunca se viu na história da humanidade uma guerra que fosse capaz de envolver tantos países e que durasse tanto tempo. De modo que a própria definição de “paz” passou a ter um significado completamente diferente após a guerra.

O autor José Damião de Lima Trindade² aponta os resultados da Segunda Guerra Mundial, mostrando que:

O nazismo e os demais fascismos legislaram e agiram contra a humanidade, praticaram políticas racistas, xenófobas e imperialistas, dividiram pessoas e populações entre as que deveriam viver e as que precisariam ser abolidas, tentaram o extermínio, por métodos industriais, de povos inteiros, e levaram sessenta milhões de seres humanos a morrerem durante a guerra que deflagraram. (TRINDADE, 2002, p. 183)

Trindade aponta as conseqüências da guerra, demonstrando que a irracionalidade humana modificou a própria forma de se pensar os Direitos Humanos a nível internacional. A criação da Organização das Nações Unidas (ONU) contribuiu para a criação dos direitos chamados de “Terceira Geração ou Dimensão”, os quais passaram a valorizar a autodeterminação dos povos e a solidariedade. Novos mecanismos, como os acordos de paz e as convenções internacionais, foram criados na tentativa de evitar que essa história se repita.

Dessa forma, um dos fatores que motivou o presente trabalho, é a relevância do tema, tendo em vista que apesar de muito já ter sido escrito sobre a Segunda Guerra Mundial, outros tipos de abordagem não esgotaram o assunto por completo. Foram poucos autores que trabalharam tal evento sob a perspectiva de uma observação da

² Formado em Direito pela PUC-RJ, João Ricardo W. Dornelles concluiu o mestrado em ciências jurídicas 1984, é professor e pesquisador, membro da Congregação do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-RJ, professor de criminologia e direitos humanos na PUC-RJ e de teoria política e direitos humanos no Núcleo de Pós-Graduação das Faculdades integradas Bennett.

guerra a partir do jornal, interrelacionando com elementos da modernidade e a própria formação de uma identidade nacional.

Os trabalhos que se apresentam nessa área, como os de Hannah Arendt, Eric Hobsbawm e Alcir Lenharo, buscaram descrever o que motivou a guerra, explicam como se desenvolveram os fatos e os seus resultados. Contudo, poucos trabalhos observam o que consta na bibliografia nacional, sobre a participação do Brasil e da Paraíba neste evento.

Surge então a necessidade de se buscar no jornal uma resposta para essas questões. A proposta de realizar um olhar sobre a Segunda Guerra Mundial, com a perspectiva de buscar a formação de uma identidade nacional e local permite que conheçamos a importância para o Brasil e para Paraíba deste evento. Dessa maneira, o presente trabalho permite o fortalecimento da história local, obtendo viabilidade através das pesquisas realizadas no jornal “A União” através dos arquivos públicos, em busca do que foi escrito sobre o evento histórico.

Para viabilizar a discussão do tema proposto, é importante tecer considerações teórico-metodológicas que irão dar suporte a este trabalho. Dessa forma, se faz importante perceber que a escrita da História sofreu uma série de modificações, sobretudo com as mudanças de paradigmas da dita “História Positivista” para a “Nova História”, defendida pela Escola dos Annales. Dessa forma, o historiador passa a se questionar: como devem ser tratadas as fontes sob essa nova perspectiva?

Com o surgimento de novas correntes historiográficas, não foi modificado apenas o olhar pelo qual o historiador utiliza e questiona as fontes, mas a própria noção de fonte para a escrita da História foi ampliada. Dessa forma, é imprescindível apontar essas novas perspectivas a partir do livro “História e Memória” de Jacques Le Goff, especialmente através do último capítulo da obra que trata do “Documento/Monumento”.

Le Goff³ nos afirma que se aplicam na memória coletiva e sua forma científica dois tipos de materiais, os documentos e os monumentos. Monumento no sentido de que

³ Jacques Le Goff é um historiador francês especialista em Idade Média. Membro da Escola dos Annales, publicou estudos voltados para a pesquisa histórica, sobre mentalidade e sobre antropologia da Idade Média. Na função de Co-diretor da Escola dos Annales, dirigiu os estudos ligados à “Nova História”.

é tudo aquilo que pode evocar o passado e o Documento passa a ser utilizado no significado de “prova”. Assim temos que:

O significado de “papel justificativo”, especialmente no domínio policial, na língua italiana, por exemplo, demonstra a origem e a evolução do termo. O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do documento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito. (LE GOFF, 1990, p. 535)

A partir da citação exposta, Le Goff nos chama atenção para a utilização do documento, considerado pela escola positivista como “objetivo” e “neutro” e utilizado na narrativa histórica para provar os fatos, constatar os acontecimentos, como se não pudessem ser questionados. O historiador deveria retirar as informações do documento sem nada poder acrescentar-lhes. Além disso, o documento passa a ser tido como um recurso indispensável ao historiador para se escrever a história, coincidindo com o texto escrito.

A concepção de documento estabelecido pela Escola Positivista, apenas começa a se modificar através da ampliação da noção de documento. E a necessidade de ampliar a noção de documento partiu da própria Nova História, tendo em vista que as novas temáticas e objetos de pesquisa trabalhados pela Escola dos Annales demandavam do historiador a busca de tudo aquilo que pudesse contar a história, não se restringindo a um “documento oficial”, criado para dar uma versão oficial dos fatos.

Até mesmo por se restringir a uma história “oficial” e “política”, como poderia o historiador trabalhar com temas antes inexplorados? Como seria possível escrever uma história do cotidiano ou de gênero se os documentos oficiais ignoravam a participação popular nos acontecimentos históricos? Sobre esses questionamentos, as considerações de Le Goff são bastantes pertinentes:

Os fundadores da revista “Annales d’histoire économique ET sociale” (1929), pioneiros de uma história nova, insistiram sobre a necessidade de ampliar a noção de documento: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar seu mel, na falta das flores

habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (LE GOFF, 1990, p 539-540)

A partir do que Le Goff nos chama atenção, a Nova História abre possibilidades de repensar o documento enquanto fonte, possibilitando ao historiador enquadrar no status de “documento” desde vestígios de seu cotidiano, como por exemplo, o estudo das estruturas arquitetônicas, até a análise de imagens, pinturas, paisagens e retratos.

Diferenciando-se do plano jurídico, no qual o documento escrito constitui “prova” acima de qualquer outra, apresentado muitas vezes maior validade hierárquica para o julgador, pelo seu caráter rígido e aparentemente imutável, no campo da história, a nova noção de documento é completamente modificada. A nova concepção de documento permite ao historiador explorar fontes que sequer foram produzidas com a finalidade de escrever ou contar a história. Podendo ser desde registros paroquiais, processos-crime, diários, cartas e principalmente, os jornais.

Além disso, as conclusões trazidas por Le Goff nos deixa claro que não há documento objetivo, inócuo e primário. Ao contrário do que defendiam os positivistas, o documento autêntico não é uma prova de boa-fé, pois para o historiador até mesmo os documentos inautênticos ou forjados, são importantes para se escrever a história e para a própria compreensão acerca dos motivos pelos quais foram produzidos. Sendo assim, para o autor todo documento é mentira e ao mesmo tempo verdadeiro, mesmo que seja produzido inconscientemente, daí a necessidade do historiador analisar suas condições de produção.

Partindo dessa perspectiva, o documento pode se transformar em monumento quando utilizado pelo poder. Por ser um produto da sociedade, sua produção também está sujeita as relações de forças que detinham o poder e que evidentemente influenciaram sua produção. Daí desacreditar que o documento enquanto fonte histórica seja neutro e desprendido de subjetividades.

Outro autor que traz importantes contribuições para a discussão sobre o uso das fontes pelo historiador é Carlo Ginzburg⁴, no qual através de sua obra “O Queijo e os Vermes” se propõe a trabalhar a micro-história nos trazendo o conceito de “circularidade cultural”⁵. Além disso, outra inovação é a de escrever a história a partir das pessoas comuns, ou seja, de indivíduos anônimos provenientes das classes populares e que, sob a ótica da Escola Positivista, em nada teria a contribuir para a escrita da História.

Ginzburg quebra com os paradigmas positivistas ensinando o historiador a trabalhar seu objeto de pesquisa através de documentos que antes não eram considerados fontes apropriadas nem tinham por finalidade a escrita da história. Na sua obra em destaque, os documentos sobre os julgamentos daqueles que eram condenados por bruxaria na Idade Média.

A partir de Ginzburg, o historiador pode atentar para as fontes procurando pelo “não-dito”, no caso do livro “O Queijo e os Vermes”, essa percepção acontece quando o próprio Ginzburg ao analisar os julgamentos medievais, encontra um deles em que a condenação havia sido cinco vezes maior que as habituais. Daí então instigar a pesquisa sobre Menocchio⁶ e perceber que a História também pode ser escrita através de indícios ou de pistas, nas quais cabe ao historiador investigar questões que foram “esquecidas” ou ignoradas pela historiografia tradicional, como por exemplo, trabalhar a denúncia social, críticas à ordem vigente, questionamento dos dogmas religiosos, dentre outros. A partir de novas percepções sobre o acontecimento histórico, também se torna possível o estabelecimentos de relações com a própria Sociologia e a Antropologia.

Mencionar neste trabalho as contribuições de Le Goff e Ginzburg se faz importante, a partir do momento em que nos propomos a observar como a Segunda Guerra foi representada a partir do jornal. De modo que, partimos de uma fonte que em tese se destinava apenas a informar a população dos acontecimentos e não tinha a

⁴ Carlo Ginzburg nasceu no ano de 1939 em Turim na Itália. É professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles nos Estados Unidos. Escreveu livros que foram traduzidos em quinze idiomas e se destaca no campo da historiografia pela produção da micro-história.

⁵ Para Ginzburg o conceito de “circularidade cultural” pode ser entendido como a maneira pela qual as classes subalternas recebem, filtram e devolvem a cultura proferida pelas classes dominantes.

⁶ Menocchio é o principal personagem do livro “O Queijo e os Vermes”, ele foi condenado duas vezes pela igreja católica na Idade Média e o que mais chamou atenção de Ginzburg ao escrever sobre este personagem, são as teorias sobre a criação do mundo e as duras críticas realizadas contra a igreja que apresentavam muitas semelhanças com as defendidas pela Reforma Protestante, daí acreditar na possibilidade ou na presença de indícios que poderiam confirmar que o personagem teria sofrido influências da reforma religiosa.

finalidade de servir como documento para a escrita da História. Apesar de não aparentar de maneira explícita a intenção de criar uma versão sobre a Segunda Guerra, o jornal trouxe uma versão dos acontecimentos a partir da seleção das informações que eram veiculadas para os leitores.

Também nos propomos a trabalhar a partir dos “indícios” sobre a representação da guerra observando a maneira pela qual as reportagens são inseridas, através da linguagem estabelecida com o leitor e das construções simbólicas que são feitas. E para realizar essa percepção, é importante compreender como o jornal passa a ser utilizado enquanto fonte pela historiografia.

Para encerrar a discussão teórico-metodológica deste trabalho, não poderíamos esquecer as contribuições da História Cultural e de Roger Chartier⁷. A partir da História Cultural, a História volta seu olhar para a questão das representações. Com a renovação da História, o historiador viu cada vez mais a necessidade de anexar a História a outros campos do conhecimento, como a lingüística, a semântica e a estatística, na finalidade de buscar novas soluções para os questionamentos dos novos objetos, que agora estavam baseadas nas crenças, nos comportamentos religiosos, nas relações familiares, dentre outros.

Sendo moldada nesse padrão científico, a História Cultural não se restringe aos debates de lutas de poderes, mas traz em seu objeto de estudo, o modo como se é construída, pensada e dada a entender uma determinada realidade social, em lugares e momentos distintos.

Para a realização de tal análise, se faz necessário o entendimento das classificações que concernem à apreciação do real, ou seja, as representações construídas são determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. A percepção do real não pode ser entendida como um discurso neutro, já que as práticas sociais e políticas são entendidas como meios de justificar para os indivíduos suas condutas e escolhas.

A construção das representações coletivas só existe de fato, a partir do momento em que os atos individuais são comandados, e sua noção permite a

⁷ Roger Chartier é um historiador francês vinculado à atual historiografia da Escola dos Annales. Sua obra está voltada para produção da História Cultural, relacionando à elaboração das noções complementares de “práticas” e “representações”.

conciliação entra as imagens mentais claras com os esquemas que as geram e estruturam. O que nos leva a remeter que a modelação desses esquemas e categorias, constitui as próprias divisões do mundo social. Desta forma, a História Cultural pode ser entendida como a descrição de uma sociedade tal qual pensam como ela é, ou como gostariam que ela fosse.

A função simbólica nesse contexto exerce um papel mediador que informa e constrói a percepção do real por meio dos signos lingüísticos, das figuras metodológicas, da religião ou do conhecimento científico. Sendo assim, é a partir da simbologia que o mundo pode ser construído através das representações. Na obra “A Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes”, Chartier nos traz uma noção do ato de representar, assim temos que:

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’- como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também ‘manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade’ (CHARTIER, 2002, p. 165)

Com base na citação apresentada, podemos entender que se o conceito de representação for tomado no sentido mais particular e determinado, ele pode ser entendido como a possibilidade de se ver aquilo que está ausente, tentando convencer que uma imagem seria capaz de reconstruir um objeto como ele verdadeiramente o é. Podemos supor que haja uma distinção entre o que representa e aquilo que é representado, já que há a finalidade de fazer com que a identidade do objeto não seja senão a aparência que representa, deixando acreditar que a aparência vale pelo real.

Adentrando nas fontes de nossa pesquisa, no que toca a discussão dos periódicos enquanto fonte, é importante lembrar as considerações realizadas por Tania Regina de Luca na obra “História dos, nos e por meio dos periódicos”. Dessa forma, a autora afirma que a utilização dos periódicos para se escrever a história ocorreu gradativamente, visto que na década de 1970 o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas ainda era pequeno.

A autora percebeu que havia uma preocupação de escrever a História da Imprensa, mas por outro lado, os historiadores se mantinham relutantes em escrever

uma História por meio da imprensa. E essa relutância ainda estava associada ao ideal de busca da “verdade” dos fatos, como resquícios da História Positivista sobre o historiador. Ainda sob influência da Escola Positivista, os historiadores consideravam os jornais pouco apropriados para serem utilizados como fonte histórica, pelo fato de conterem registros fragmentários do presente, por serem escritos sob o influxo de interesses, compromissos e paixões.

E mesmo que a Escola dos Annales já tenha desmistificado essa concepção negativa sobre as fontes não-oficiais desde 1930, ainda demorou muito tempo para que os jornais adquirissem a importância que hoje possuem para o historiador. Evidentemente, não apenas o surgimento da Nova História contribuiu para essa mudança de concepção, como também outras mudanças são elencadas por Regina de Luca, a exemplo da própria renovação pela qual ocorreu no marxismo e o surgimento de autores como Raymond Williams, Perry Anderson, Christopher Hill, Eric Hobsbawm e E. P. Thompson deram outros rumos para a escrita da História. Uma citação importante que pode ser mencionada é a seguinte:

Os debates ultrapassaram as fronteiras dos novos objetos, abordagens e/ou problemas e introduziram outras fissuras no trato documental. Como assinalou o historiador Antoine Prost, alterou-se o modo de inquirir os textos, que “interessará menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam” e, poderíamos completar também pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem. (LUCA, 2008, p. 114)

Dessa forma, com base na citação exposta, Regina de Luca retoma as modificações ocorridas no campo da historiografia com o surgimento de novos temas e objetos e do próprio fortalecimento da História Cultural e suas relações que se estabeleceram com a Antropologia, abrindo possibilidades de se escrever a História através de novos tipos de fontes, visto que as fontes tradicionais já não davam conta das novas realidades e das dificuldades enfrentadas pelos historiadores para se escrever a História.

Dentre as críticas desfavoráveis a utilização do jornal, está a dificuldade do historiador-pesquisador saber exatamente quais influências “ocultas” esse órgão de informação recebia quando veiculava suas notícias. Quais fatores externos influenciavam ou pressionavam de modo que uma informação fosse inserida, excluída

ou modificada? Havia pressão por parte do governo? Ou as informações contidas nos jornais estariam simplesmente correspondendo aos interesses ideológicos e privados de quem os produziam? Todas essas perguntas devem ser realizadas e respondidas pelo historiador por meio de sua pesquisa, considerando a fonte jornalista como fonte parcial e desvinculada de neutralidade.

Contudo, a própria Regina de Luca nos dá uma pista de como a imprensa influencia nas questões do cotidiano, assim temos que:

A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos que compunham a modernidade (automóveis, bondes, eletricidade, cinemas, casas noturnas, fonógrafos, câmaras fotográficas), a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as “classes perigosas”, a constituição dos espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estéticas, tudo isso passou a integrar as preocupações dos historiadores, que não se furtaram de buscar parte das respostas na imprensa periódica, por cujas páginas formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro. (LUCA, 2008, p. 120)

Cabe aqui lembrar as considerações de Maria Helena Capelato e de Maria Ligia Prado citadas por Tânia Regina de Luca, ao afirmar que a escolha do jornal como objeto de estudo se justifica para compreender a imprensa como instrumento de manipulação de interesse e de intervenção da vida social, deixando de ser um “mero veículo de informações” para se tornar parte da realidade político-social na qual se insere.

Outro fator primordial para se trabalhar a questão das representações de determinado fato histórico a partir dos jornais, está no papel desempenhado pelas ilustrações. A ilustração se torna um elemento importante para pesquisa histórica, auxiliando no impulso e na diversificação do impresso periódico, contribuindo, inclusive para observar os códigos de comportamento da classe dominante.

Em virtude dessa importância dada para as ilustrações, o trabalho de ilustração no jornal não era simples, exigindo grande perícia por parte daqueles que o produziam, sua confecção passava pelas mãos de caricaturistas, pintores e fotógrafos. As imagens eram inseridas sob pedras pesadas em sentido contrário para que o resultado da impressão fosse o mais natural possível.

Desse modo, o historiador que se propõe a utilizar o jornal como fonte, também deve realizar a leitura das imagens que são postas, observando a função que desempenham ao ilustrar determinada notícia.

Enveredando pela história da imprensa no Brasil, conforme afirma Dirceu Fernandes Lopes no texto “Resgate histórico do jornalismo brasileiro”, é possível perceber que os primeiros jornais brasileiros teriam surgido no ano de 1706 em Pernambuco, posteriormente surgiram outros jornais em 1747 no Rio de Janeiro e em 1807 em Minas Gerais. Contudo, essas primeiras tentativas de implantação da imprensa foram reprimidas pelo governo português na colônia, com a finalidade de que o Brasil se mantivesse fechado para idéias que viessem de fora e até mesmo de movimentos internos que fossem contrários aos interesses de Portugal.

Com a chegada da família real no Brasil⁸ em 1808, passou a surgir a “Imprensa Régia” ou imprensa oficial no Rio de Janeiro, oficializando a imprensa mediante o Ato Real. Dessa maneira, em 10 de setembro foi publicado a “Gazeta do Rio de Janeiro”, considerado o primeiro jornal brasileiro. Porém, para historiadores como Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins, há divergências, visto que, três meses antes surgiu em Londres o “Correio Braziliense”. E mesmo que o “Correio Braziliense” tenha nascido fora da Colônia, este jornal foi apontado como o primeiro periódico do país. Além disso, o periódico tinha um caráter crítico e discutia os principais problemas enfrentados pela Colônia.

Dirceu Fernandes Lopes⁹ afirma que durante o período colonial apareceram no Brasil mais de 50 jornais, porém a maioria apresentou duração efêmera, mesmo que a censura iniciada pela Imprensa Régia tenha acabado em 1821. Sobre a censura prévia, esta foi se abrandando desde 1815 e suas maiores preocupações eram controlar a informação difundida nos periódicos e limitar as opiniões que tentavam mobilizar a população colonial contra a dominação portuguesa, barrando também idéias que defendiam a independência do Brasil.

⁸ A chegada da família real no Brasil ocorreu em virtude das tensões existentes entre Portugal e França. As tropas francesas comandadas por Napoleão Bonaparte estavam prestes a invadir Portugal. Diante da situação iminente de guerra e sem condições militares para enfrentar os franceses, o príncipe regente de Portugal, D. João decidiu transferir a corte portuguesa para o Brasil com a ajuda dos ingleses.

⁹ Dirceu Fernandes Lopes possui graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Santos. Mestrado e Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e atualmente é professor doutor da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração.

Ainda segundo Dirceu Lopes, o jornal “Diário do Rio de Janeiro” criado em 1821, foi o precursor dos atuais jornais informativos, visto que era um jornal que se dedicava a publicar notícias do cotidiano, voltando seu conteúdo para os crimes que ocorriam na colônia, a exemplo dos furtos e assassinatos, das diversões e espetáculos, anúncios de venda e compra de escravos, dentre outras informações. No próprio período que antecedeu a proclamação da República, surgiram jornais de caráter republicano e abolicionista, idealizados por jovens que haviam terminado seus estudos na Europa e retornavam com idéias liberais.

Aos poucos, o aparecimento de jornais simples, de duas páginas em média, foi conquistando a população letrada, de modo que, até o final do século XIX, somente em São Paulo foram registrados cerca de 1.500 títulos. Sendo assim, no ano de 1900 a imprensa já havia se consolidado no Brasil, se estabelecendo enquanto empresa, mas também ficando sob o domínio do Estado e dos grupos que detinham grande poder econômico.

Adentrando em uma análise sobre a importância do jornal enquanto fonte, as historiadoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, no texto “Introdução: Pelos Caminhos da Imprensa no Brasil”, consideram a imprensa brasileira não apenas como objeto, mas também como próprio sujeito da história, consistindo em um importante veículo para a construção do nosso passado. Sendo possível dizer que a história do Brasil e da própria imprensa caminharam e caminham juntas até hoje, coincidindo inclusive, os personagens que marcaram a História do Brasil e que também estão presentes nas páginas dos jornais brasileiros, ainda que por intervenção política nas redações dos jornais.

Sendo assim, é praticamente impossível escrever imprensa brasileira sem estabelecer relações com a trajetória política, social e econômica do país. Daí ser inegável que os jornais apresentam o caráter de fonte primária bastante relevante para os estudos históricos, sejam escritos oficiais ou produções tidas como “clandestinas”. A esse respeito temos que:

Sobrepondo-se aos anacronismos de toda a ordem, a chegada do século XX se impôs com seu cortejo sedutor de novidades prontamente trazidas para a criação da grande imprensa e a ampliação do parque gráfico. Luz elétrica, telefone, cinematógrafo, bondes elétricos, automóvel, máquina de escrever, zepelins, além de estruturas de ferro pré-fabricadas que resultavam em

edificações de impacto na paisagem e maquinário gráfico agilizado, otimizaram uma imprensa que se pretendia missionária na pregação do Brasil (MARTINS & LUCA, 2008, p. 11)

Com base na citação apresentada, é possível perceber que a própria configuração do jornal foi sendo modificada, apresentando um caráter moderno e profissionalizado. A utilização de maquinário inovador permitiu a ampliação dos títulos, a produção diária dos jornais e a própria inserção de imagens mais sofisticadas aproximaram o leitor das notícias e das propagandas que eram constantemente vinculadas. Acrescidas essas características, o jornal também foi ganhando procedimentos metodológicos, padronizando a diagramação dos jornais que eram produzidos em diversas partes do Brasil.

Já partindo para as origens do próprio jornal “A União”, temos que segundo informações que trazem “A União Superintendência de Imprensa e Editora – Paraíba”, o Jornal “A União” circula nos dias atuais como o único jornal oficial no Brasil. Estando vinculado ao Governo da Paraíba, o jornal foi fundado em 2 de fevereiro de 1893 pelo presidente da Província, Álvaro Machado. Já em 13 de março de 1940, surgiu o Diário Oficial estando vinculado ao próprio jornal “A União”.

Daí compreender que os fatos relacionados à Imprensa Oficial na Paraíba estão integrados à memória do jornal, que funcionou e funciona como testemunha e personagem da história política e sócio-cultural do Estado da Paraíba. Atualmente “A União” é considerado o quarto jornal mais antigo do País.

Dentre as motivações para o surgimento do jornal, está sua função de representar o Partido Republicano do Estado da Paraíba, agremiação fundada pelo próprio Álvaro Machado. Durante muitos anos os escritórios e tipografia do jornal “A União” funcionaram na Rua Visconde de Pelotas, 49, esquina com a Rua Miguel Couto, no Centro da Cidade Alta em João Pessoa. Mais tarde, o edifício foi demolido para alargar a via que dá acesso ao Parque Sólon de Lucena (Lagoa).

Inicialmente, “A União” trazia noticiário e as notas do presidente da Província, Álvaro Machado. Com o passar dos anos, o jornal funcionou como intérprete das aspirações paraibanas quando eclodiu o Movimento Revolucionário de 1930. Depois,

Há pouco mais de 40 anos, o jornal oficial passou a veicular a produção literária produzida no estado da Paraíba. Com mais de 110 anos de existência, o jornal oficial passou a ser encarado como um órgão tradicional e patrimônio cultural da sociedade, mantendo o papel de divulgação de fatos e idéias que sempre o caracterizou ao longo de sua história.

Atualmente o jornal mantém função informativa e cultural. Seu parque gráfico participa do movimento editorial do Estado, imprimindo livros de autores da terra. Desde janeiro de 2003, quando houve mudança na Superintendência, o jornal sofreu intervenções relativas à informatização de setores, através da aquisição de equipamentos modernos que culminaram com a diminuição de seu formato associado ao aumento do número de páginas, fornecendo um número maior de informações ao leitor.

CAPÍTULO I

A MODERNIDADE E O AVIÃO

1.1. Os recursos Utilizados pelo Jornal para Representar a Guerra

Iniciamos esse capítulo adentrando numa análise da Segunda Guerra a partir do seguinte questionamento: quais instrumentos ou recursos o jornal “A União” se utilizou para representar a guerra? É possível constatar que o jornal “A União” apresentou e representou as notícias da guerra de maneiras distintas de acordo com o desenrolar dos fatos e de cada momento histórico.

No período que antecedeu a guerra o jornal voltava a maioria de suas informações para questões políticas que aconteciam no Brasil e na Paraíba, destacando as ações dos interventores paraibanos, a chegada de autoridades na capital, as eleições para prefeitos nas cidades paraibanas, dentre outros eventos.

Além disso, o jornal também se preocupava com informações relacionadas ao esporte, neste caso, as informações mais relevantes se referiam ao futebol local e posteriormente ao desempenho da seleção brasileira na Copa do Mundo.

As festas que aconteciam na região também eram destaque no jornal, principalmente as festas relacionadas às padroeiras de cada cidade e que aconteciam todos os anos, as comemorações de datas consideradas importantes e que eram marcadas como feriados pelo calendário nacional, a exemplo das comemorações da independência, do dia da bandeira, da proclamação da República, dentre outras. Por vezes, também apareciam informações sobre economia e produção agrícola na Paraíba, como também dados sobre a educação, assuntos relacionados ao Censo populacional e modificações na própria legislação do país.

Como se percebe, apesar de se caracterizar como um jornal oficial, “A União” voltava seu conteúdo para questões do cotidiano das pessoas, não se restringindo aos aspectos políticos, o que a primeira vista, seriam assuntos de interesse geral da população.

No período anterior ao início oficial da guerra, o jornal também apresentava vestígios dos conflitos armados que ocorriam ocasionalmente em outras partes do mundo. Porém, quando a Segunda Guerra inicia, há toda uma preocupação do jornal em captar a maior quantidade de informações possíveis, se valendo de mapas, para que o leitor pudesse visualizar os locais onde os conflitos armados estavam ocorrendo.

A União

ORGÃO OFICIAL DO ESTADO

ANO XLVII RIO DE JANEIRO, Sexteiras, 2 de setembro de 1939 NÚMERO 195

A SEMANA DA PÁTRIA A EUROPA EM CHAMAS

Intensificam-se os preparativos para os festejos da Independência na Capital do País — Ontem foi o Dia do Comércio e de hoje consagrada a Imprensa

RIO DE JANEIRO. — Preparativos para o Dia da Independência estão em plena atividade na Capital do País. Todos os preparativos para o Dia da Independência estão em plena atividade na Capital do País. Todos os preparativos para o Dia da Independência estão em plena atividade na Capital do País.

A Europa em Chamas

A Europa em chamas. A Europa em chamas. A Europa em chamas. A Europa em chamas. A Europa em chamas. A Europa em chamas. A Europa em chamas. A Europa em chamas. A Europa em chamas. A Europa em chamas.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO ESTADO
SUA REUNIÃO DE ONTEM

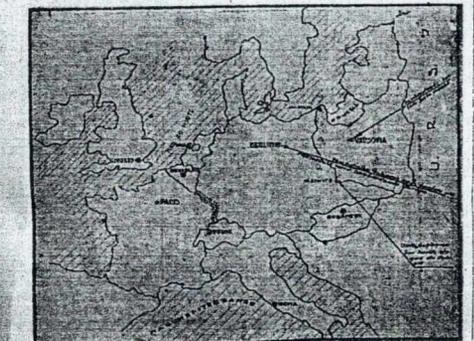
Reunião do Departamento Administrativo do Estado, presidida pelo Sr. Ministro de Estado, Sr. João Pessoa.

A Alemanha invadiu a Polônia

Aviões do Reich bombardearam, ontem, Varsóvia, Cracóvia, Lodz, Posen, Thorn, Gdynia, Wroclaw, Kattowice, Radom, Gnesen, Gzarnow, Mlava, Bromberg, Teslau, Tschchen e outras pequenas cidades polonêsas. — Em retribuição, a aviação polonesa sobrevoou Berlim, bombardando-a. — Guerra não declarada. — Aguarda-se para hoje a declaração de guerra à Alemanha feita pela França e Grã Bretanha. — Dissolvida o eixo Roma-Berlim. — A proclamação de Hitler ao Exército alemão. — Aviões alemães abatidos em território polonês. — As forças da Polónia resistem bravamente à penetração militar nazista.

PARIS, 1. — A UNIAO. — A França declara guerra à Alemanha. — A França declara guerra à Alemanha. — A França declara guerra à Alemanha. — A França declara guerra à Alemanha. — A França declara guerra à Alemanha.

BRASÍLIA, 1. — A UNIAO. — O Brasil declara guerra à Alemanha. — O Brasil declara guerra à Alemanha. — O Brasil declara guerra à Alemanha. — O Brasil declara guerra à Alemanha. — O Brasil declara guerra à Alemanha.



Mapa indicativo da guerra não declarada entre a Alemanha e a Polónia. Arrombaramentos de artilharia, artilharia e aviação sobre a cidade de Berlim e bombardeio de artilharia e aviação sobre a cidade de Varsóvia, Lodz, Posen, Thorn, Gdynia, Wroclaw, Kattowice, Radom, Gnesen, Gzarnow, Mlava, Bromberg, Teslau, Tschchen e outras pequenas cidades polonêsas.

UM APELO DO PRESIDENTE ROOSEVELT PARA QUE NÃO SEJAM BOMBARDEADAS AS POPULAÇÕES CIVIS — A NEUTRALIDADE "YANKEE"

Washington, 1. — O presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, fez um apelo aos povos da América Latina para que não sejam bombardeadas as populações civis. Ele também pediu a neutralidade dos Estados Unidos em relação ao conflito europeu.

A VISITA

entem, do arcebispo dom Meizis Czicho ao interventor argentino de Figueroa

Montevideo, 1. — O arcebispo de Viena, Meizis Czicho, visitou ontem o interventor argentino de Figueroa. Durante a visita, os dois religiosos conversaram sobre a situação atual da América Latina.

ESTEVE ONTEM, nesta capital, dom José Teófilo, bispo de Braço

Montevideo, 1. — O bispo de Braço, dom José Teófilo, esteve ontem em Montevideo. Ele participou de uma reunião com autoridades locais e falou sobre a situação da Igreja Católica no Brasil.

Como se percebe, através da imagem selecionada, as primeiras notícias da guerra tomaram a capa principal do jornal. No início da Segunda Guerra, ao mesmo tempo em que se comemorava a semana da pátria naquele ano de 1939, o jornal “A União” trazia como principal manchete a invasão da Polônia pelos alemães.

Acompanhando o início da guerra, o jornal traz um mapa explicativo mostrando onde estão ocorrendo os conflitos, destacando a invasão da Polônia pela Alemanha e dando ênfase aos bombardeios aéreos que aconteceram na Europa. Como também é possível visualizar, houve uma preocupação do jornal em inserir o mapa da Europa indicando para o leitor exatamente os locais onde estavam acontecendo os conflitos.

Passada a euforia dos primeiros acontecimentos envolvendo a guerra, é possível notar que gradativamente as notícias deixam de ocupar o espaço principal do jornal, ou seja, das manchetes e as informações passaram a ser inseridas em espaços de menor destaque, como por exemplo, nas páginas 7 e 8 do jornal, que correspondem às últimas páginas de cada edição. Dessa forma, pela maneira como posta as notícias, o próprio jornal nos dá indícios de que a Segunda Guerra poderia ser um conflito passageiro e sem a dimensão que acabou ocorrendo. Essa percepção é modificada, principalmente através da participação dos Estados Unidos e do Brasil na guerra.

As informações que o jornal apresentava aos leitores, em sua maioria estavam limitadas aos relatos de correspondentes, alguns inclusive de outros jornais espalhados pelo mundo, que traziam notícias que eram selecionadas e acrescentadas ao jornal como fonte de informação. A maioria dos “jornais informantes” eram de procedência inglesa, como é o caso das notícias veiculadas pela British Broadcasting Corporation (BBC), The Newspaper Exchange Agency e o British News Service da Inglaterra.

Aos poucos, o jornal foi inserindo tópicos fixos sobre a guerra, dentre eles “A Guerra na Frente Ocidental” que aparecia ocasionalmente como matéria de capa no final da primeira página, trazendo informações sobre os principais envolvidos na guerra, ou seja, França Inglaterra e a Alemanha.

A GUERRA NA EUROPA E NA AFRICA

A "Royal Air Force" bombardeou, ontem, Berlim, com extrema violência, causando grande destruição em todos os pontos da metrópole alemã — Por sua vez, a "Luftwaffe", em ondas sucessivas no total de 1.500 aviões, sobrevoadu todo o território britânico e bombardeou Londres, durante 6 horas e 39 minutos — O governo de Vichy admite que irromperam movimentos revolucionários na África Ocidental e na Indochina

BERLIM, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — Ações de bombardeio sucessivas foram realizadas ontem nesta capital, foram arrombados numerosos bombardeios no centro da cidade.

LONDRES, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — Foi dada, hoje, um alarme de bombardeio e cerca de 250 pessoas foram evacuadas para o interior da cidade. Muitos aparelhos de rádio foram destruídos pelos aviões britânicos.

BERLIM, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — O governo nacionalizou a indústria de aeronaves, cujo efetivo era de 2 mil homens.

LONDRES, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — As sirenes de alarme soaram, hoje, às 8:15 da manhã, sendo este portanto, o 5.º alarme em menos de 24 horas. A atividade aérea alemã assume, assim, caráter mais intenso.

ÀS 11:35 foi dado o sinal de tudo limpo.

BOMBARDEADO O CENTRO DE BERLIM, 21 — (A UNIAO) — Pela primeira vez, na atual guerra, os

BERLIM, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — O Ministério do Ar comunica que a capital britânica foi atacada por aviões germanos que lançaram suas bombas de grande altura. Simultaneamente, a "Royal Air Force" realizou os mais fulgurantes bombardeios em Berlim. Os aviadores britânicos podiam verificar grandes incêndios.

BOMBARDEADOS SEIS DISTRITOS DE LONDRES, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — Sabese que seis distritos de Londres foram bombardeados pelos aviões germanos. Informa o BBC que apesar do elevado número de aparelhos atacantes, saíram vários pontos da Inglaterra, os quais foram insignificantes.

MORTOS E FERIDOS EM LONDRES, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — Anuncia-se que quando da reunião dos escombros de uma casa particular, destruída pelo bombardeio, foram encontradas quatro pessoas mortas e outro distrito várias pessoas feridas sem refugio adequado que foi destruído pelos destroços de uma casa.

AUMENTA DE INTENSIDADE A ATIVIDADE AEREA ALEMA, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — As sirenes de alarme soaram, hoje, às 8:15 da manhã, sendo este portanto, o 5.º alarme em menos de 24 horas. A atividade aérea alemã assume, assim, caráter mais intenso.

ÀS 11:35 foi dado o sinal de tudo limpo.

BOMBARDEADO O CENTRO DE BERLIM, 21 — (A UNIAO) — Pela primeira vez, na atual guerra, os

BERLIM, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — Foi anunciado que as esquadras da "Luftwaffe" alemã destruíram de um novo tipo de aviões de grande capacidade e posteriormente arrojados.

BERLIM, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — A "Luftwaffe" alemã que captou dez aviões germanos, com a ajuda de defesas dos aviões de caça da RAF, atacando objetivos militares no condado de Hertford, tendo subvertido os arredores de Londres, sem encontrar oposição.

OS BURGALÊS E BILGARDOS FORAM POSSÍVEIS DEOS TERRITÓRIOS RUMENOS QUE FURAM FURAM FURADOS, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — A ONU informa que os búlgaros e os búlgaros entraram simultaneamente nos territórios que lhes foram cedidos pela Espanha, devendo a ocupação realizar-se em breves dias.

BERLIM, 21 — Agência Nacional — (Brasil) — Informam de Bucarest que está sendo reorganizado o gabinete rumeno, que será chefiado, provavelmente, pelo líder transilvânico Vaida Voivode.

Ultima

(DO PAIS E ES DELIBERACAO DA COMISSAO QUE ESTUDA OS PROBLEMAS DA NA)

Jornal "A União" — João Pessoa - Ano XLVIII — Publicado em 01 de setembro de 1940 - Número 175

A imagem destacada representa um dos tópicos fixos que o jornal trazia diariamente para seus leitores. As informações que continham nesses tópicos estavam voltadas para o desenrolar dos acontecimentos da guerra, comentando os ataques e bombardeios realizados entre os países, além de uma série de "micro-informações" mostrando resumidamente consideradas mais relevantes.

Outros tópicos como "Panorama da Guerra" e "Comunicados de Guerra" apareciam nas últimas páginas do jornal para que o leitor pudesse diariamente se manter informado do que acontecia na Europa. Posteriormente as imagens sobre a guerra também vão sendo inseridas nas edições do jornal. Inicialmente com a apresentação de mapas e posteriormente com a apresentação de fotografias, destacando inclusive o poderio dos países que pertenciam ao grupo dos Aliados.

A partir das estruturas destacadas, é possível compreender como o jornal "A União" veiculou e representou a guerra. Seja através da página principal do jornal, para situar os acontecimentos considerados importantes, ao longo de suas páginas através de tópicos diários e fixos e também das notícias que eram inseridas nas últimas páginas do

jornal e que nos leva a crer que apresentavam uma menor relevância para o leitor em virtude de sua posição.

1.2. A Modernidade Durante a Guerra

Iniciamos esse tópico trabalhando a idéia de modernidade e a própria utilização do avião como instrumento de guerra. Dessa forma, se faz importante tomar como base as considerações trazidas por Marshall Berman¹⁰ sobre a modernidade. Sendo assim, no texto “Tudo que é sólido desmancha-se no ar”, para Berman (1940) a modernidade se apresenta primordialmente como uma experiência vital, sobretudo, como uma experiência de tempo e espaço que é compartilhado entre homens e mulheres. Desse modo:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1986, p. 15)

Mesmo considerando uma experiência de alegria, crescimento e autotransformação, Marshall Berman nos trás o outro lado de ser moderno, ou seja, o lado das incertezas. Sendo assim, temos que:

Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx. “tudo que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 1986, p. 15)

Conforme as explanações de Berman, a modernidade se apresenta como um conjunto de experiências únicas, que podem trazer a alegria, o crescimento e a autotransformação do indivíduo, mas que ao mesmo tempo, a situação de mudança, de

¹⁰ Marshall Berman é um filósofo estadunidense de tendência marxista. Sua obra é voltada para questões relacionadas à cultura e política. É membro do conselho editorial do Dissent e contribui regularmente para a revista “The Nation”.

modificações do tempo, do espaço e das próprias relações interpessoais, podem colocar esse mesmo indivíduo em um sentimento de angústia, ambigüidade e na própria desintegração do seu ser.

A guerra não é algo novo ou excepcional na história da humanidade, ela existe desde os primórdios. Os homens primitivos guerreavam entre si, por espaço, por alimento, ou até mesmo pelo fogo. Contudo, as formas primitivas de guerra foram sofrendo modificações, de modo que não apenas tribos, mas nações inteiras passaram a guerrear umas contra outras, utilizando os mais variados instrumentos de guerra. A Segunda Guerra Mundial conseguiu atingir proporções, na qual os conflitos agregaram quase todas as nações do planeta ao mesmo tempo.

Conforme nos explica Berman (1940), a vida moderna é encarada como um turbilhão, e também foi responsável por grandes descobertas científicas, sobretudo com as mudanças ocorridas na produção industrial, na criação de novos ambientes humanos em detrimento de destruição dos antigos. O próprio ritmo de vida foi alterado, de maneira que já no século XX esse “turbilhão” passará a chamar-se de “modernização”.

Sendo assim, a partir de Berman (1940) é possível estabelecer três importantes características da modernidade e que se acentuaram principalmente no século XX. A primeira delas é a contradição, advinda dos movimentos migratórios do campo para a cidade. Em seguida, o homem experimenta a destruição das barreiras morais, ocasionadas por ambientes de desordem e ambigüidades. E por fim, o sentimento de incerteza, de não haver nada fixo para se apegar, nem mesmo a própria paisagem, que passa a ser remodelada continuamente.

Desse modo, o avião se apresenta diante da guerra não apenas como uma novidade ou um mero instrumento de transporte de soldados, mas principalmente inaugura o espaço aéreo como meio de batalhar, através do bombardeio aéreo. Assim, em observação a uma das primeiras matérias do jornal “A União” após iniciada a Segunda Guerra, temos o seguinte:

AS FORÇAS DE TERRA, MAR E AR DE QUE DISPOEM A INGLATERRA, A FRANÇA, A POLÔNIA, ALEMANHA E A ITALIA

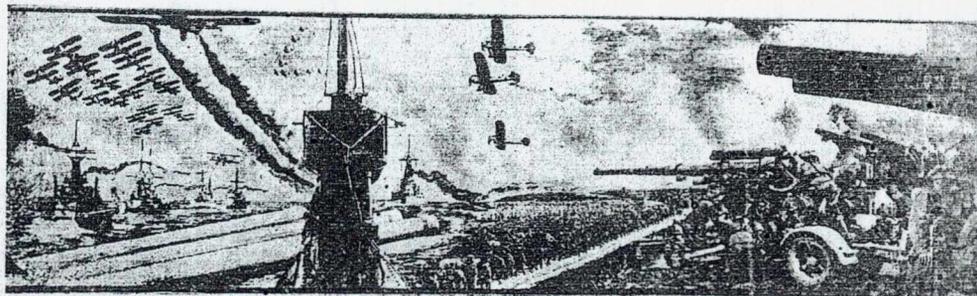
R10. setembro (Ext.) — Nesta hora grave, em que, na Europa, várias nações se encontram numa luta armada que assumirá, talvez, proporções gigantescas, não é demais que nos proponhamos fazer um rápido balanço dos Exércitos em jogo, o mais aproximadamente ao nível.

Em primeiro lugar, examinemos as forças de terra e concedemos primazia ao pequeno mas admiravelmente bem equipado.

O EXERCITO BRITANICO

O Exército Britânico tem muitos pontos de diferença em relação aos outros exércitos do continente europeu. Os outros são numericamente grandes; o inglês é reduzido. Os outros organizam-se pelo processo da conscrição, o inglês depende do alistamento voluntário. (Só, modernamente, isto é, há questão de pouco tempo, o Parlamento votou a lei do serviço obrigatório). Os outros exigem breve tempo de serviço; o inglês, longo prazo (sete anos em regra). Os outros recebem contingentes de todas as classes; o inglês, só das camadas mais pobres. A maior diferença que existe entre o exército britânico e os continentais reside em que o objetivo primordial destes é a defesa do país, ao passo que o do exército britânico é a defesa e a manutenção da ordem no império.

Só em 1935 é que o Ministério da Guerra da Grã Bretanha adotou um vasto programa de modernização in-



tegral. De conformidade com este programa a cavalaria passou a ser mecanizada. Ao mesmo tempo, vinte e oito batalhões de infantaria num total de 136, foram convertidos em unidades mecanizadas de metralhadoras. Pensou-se a princípio em fazer figurar um destes batalhões em cada brigada de infantaria. Mais tarde, porém, ficou resolvido que seriam empregados como tropa de corpos e de divisões, devendo a brigada de infantaria ser reduzida a três batalhões

de carabinheiros. Estes deveriam ter cinquenta e duas metralhadoras leves; uma, em cada seção de seis homens.

Presentemente, podemos estimar as forças de terra da Grã Bretanha em cerca de 800 mil homens, de todas as armas, extraordinariamente bem armados e equipados.

O EXERCITO FRANCES

O exército da França compreende

vinte divisões de infantaria, cinco divisões de cavalaria e cinco divisões coloniais, que servem de "força móvel", pronta para embarque em caso de perturbações ultramarinas. O total de homens, em tempo de paz, era de 640 mil. Destes, porém, 200 mil mais ou menos servem na África do Norte e em outras colônias. O serviço militar obrigatório ainda é, nominalmente, de um ano. Em virtude, sobretudo, da situação europeia, desde a ocupação da Romênia, pelas forças

alemãs, os contingentes estavam sendo retirados por dois e até tres anos. Uma das divisões de cavalaria já está inteiramente mecanizada e equipada com carros de assalto e unidades certas proporção de "drages-motociclistas", que operam com "tanks" leves e em motocicletas. Cerca de dez divisões de infantaria estão motorizadas. Toda a artilharia é movida a tratores, enquanto que os regimentos de infantaria possuem tráfegos blindados. (Conclui na 4.ª pag. 1.)

Jornal "A União" — João Pessoa - Ano XLVII — 16 de setembro de 1939 - Número 206 — Página 3

Na reportagem em destaque é possível analisar inicialmente a imagem trazida pelo jornal, na qual são representados os principais meios e instrumentos utilizados na Segunda Guerra. Na extrema direita há uma série de canhões espalhados e apontados em direção ao lado esquerdo. Esses canhões representam a guerra por via terrestre. Já do próprio lado esquerdo ao fundo da imagem, é possível observar diversos navios agrupados, representando a guerra por via aquática ou através do mar.

Observando o que corresponde ao céu na imagem, é possível visualizar uma série de aviões do lado esquerdo, no qual um deles se destaca por sua fumaça rasgando os céus, mas também há do lado direito da imagem a tímida presença de três aviões. De modo que, os aviões são inseridos como símbolos da guerra que aconteceria no espaço aéreo.

Já em observação a própria reportagem em si, o jornal traça um panorama do poderio armamentista das potências em combate, tentando fazer um balanço armamentista de cada uma delas, ou seja, da Inglaterra, da França, da Alemanha, Itália e Polônia. O articulista deixa claro na página nº 4 que, no que toca às forças aéreas não haveria nada de positivo em matéria de dados, pois as nações mantinham sigilo absoluto em relação a esse tipo de arma. Essa afirmação nos faz acreditar que o poderio

japoneses para os americanos é o seu potencial de produção na indústria aeronáutica. De modo que, os japoneses não teriam a menor possibilidade de competir com os Estados Unidos em termos de produção.

Mais adiante o jornal insere um questionamento: “qual é a nação do mundo cuja grande capacidade industrial permitirá construir aviões com um ritmo tão imaginado até hoje?” E o próprio jornal responde: “A resposta só pode ser esta: os Estados Unidos”. Ademais, outra diferença entre os Estados Unidos e as potências do eixo, se dá pelo fato que, Alemanha e Japão já tinham atingido o ápice de sua produção industrial, não dispondo mais de recursos minerais para continuar no mesmo ritmo de produção.

Por outro lado, o jornal afirma que a situação dos Estados Unidos é completamente diferente, por ter iniciado recentemente sua produção para a guerra. Além disso, o jornal alerta que enquanto os japoneses gastavam 3 anos para construir um couraçado¹¹, os Estados Unidos poderiam produzir em poucas semanas aviões suficientes para afundá-lo.

A reportagem merece algumas ressalvas, primeiramente por ser produzida pelo serviço especial da Inter-Americana, fornecida para “A União”. Sendo assim, a reportagem colocaria informações que obviamente favorecessem os Estados Unidos na guerra, colocando sua superioridade em detrimento dos outros países envolvidos no conflito. Também não podemos deixar de notar que o poder aéreo dos países participantes na Segunda Guerra Mundial foi bastante considerável, capaz inclusive de realmente decidir o conflito, como por exemplo, no episódio dos bombardeios aéreos que lançaram bombas atômicas sobre Japão.

Já em outra reportagem veiculada pelo jornal “A União”, publicada em 7 de outubro de 1941 na página nº 5, dá pra se ter idéia da extraordinária produção de guerra dos Estados Unidos. O Jornal informa que quatro mil aviões eram produzidos por mês pelas fábricas norte-americanas. Dessa forma, é compreensível inserir os Estados Unidos numa posição privilegiada durante a guerra.

¹¹ Os Couraçados eram navios de guerra da Marinha Imperial do Japão, construídos e operados durante a Segunda Guerra Mundial. Pesando 73.000 toneladas, os navios dessa classe eram os maiores, mais pesados e armados já construídos durante a guerra.

1.3. A Questão Aérea no Brasil e na Paraíba

VAMOS SER AVIADORES

Padre Luiz SANTIAGO

Houve o tempo em que o homem embrionário sonhou desbravando as terras e pôs em prática os seus desejos.

Dal os movimentos centrífugos dos povos primitivos que tecendo a monotonia das selvas e ampliando as terras.

Vem depois a época das cidades maravilhosas. Criam-se escolas navais sulcaram-se os mares e por fim, surgem as ilhas e os continentes das águas incógnitas.

As forças humanas e esgarçam os horizontes e a época da Renascença. Agatreceram as locomotivas, surgem os transatlânticos e entra, depois, a época do automóvel.

A ciência, a arte e as indústrias cresceram com a celeridade das máquinas locomotoras.

O homem moderno, cujo espírito jamais perderá o vigor de pensar, progredir e crescer, contou também desbravando os ares.

Constroem-se asas, fabricam-se balões e alinhado-se a asa às forças motorizadas, faz-se o primeiro avião e esta gloria coube ao Brasil, enaltecendo as qualidades geniais do grande inventor, o mineiro Alberto Santos Dumont.

A ave metálica pavou os céus.

Reves horizontes no mundo azul das estrelas.

Esta descoberta é de caráter todo revolucionário, marcando portanto uma época na história dos povos.

O velho mundo contempla, maravilhado, as grandes perspectivas do invento. No seu espírito de dedução tirou as con-

texturas do valor insuperável da máquina aérea a qual opera maravilhosamente sem contá-lo, na esfera das atividades humanas.

Se o homem dorme alguma vez, a alma que é centro de sua organização vital, vigila sempre. A tendência da humanidade é subir incessantemente.

As civilizações intadadas locomovem-se, por longos anos, a costas de animais a carretas de bestas, nas locomotivas e nos transatlânticos e afinal nos automóveis, rodando sempre por terra e agora precisam transpor os ares, para combater as conquistas, voando definitivamente.

A aviação e o passo mais arrojado da humanidade na ordem da locomoção. É um elemento de primícia gratuita que se auspícia e se arroja dia a dia, em real prosseguimento merecendo toda confiança às aspirações nacionais. É um grande órgão de defesa, uma eficiente estratégia de guerra, um meio inigualável de transporte e por fim uma arte e uma ciência novas.

O seu papel civilizador e incalculável.

Nos cometimentos heróicos exerce grande influência de ordem psicológica no caráter da mocidade. Dá-lhe ousadia, fuz-primeiro arrojo até o heroísmo, incute-lhe alta concepção do belo, do amor, do bem e real introspecção de si mesmo. Ela tem uma grande missão a cumprir, e esta é tanto maior, quanto mais elevado for o índice cultural dos seus admiradores.

(Conclue na 6.ª pag.)

Jornal "A União" – João Pessoa - Ano LI – 25 de maio de 1943 - Número 117 – Página 5

Iniciamos esse tópico com a opinião do Padre Luiz Santiago no artigo intitulado "Vamos Ser Aviadores", publicado no jornal "A União" em maio de 1943. Sendo assim, a partir do artigo o padre inicia afirmando que o homem embrionário sonhou desbravando as terras.

Passando pelo homem pré-histórico e a própria renascença, foi apenas com o homem moderno que os ares puderam ser desbravados. Ademais, o padre assim coloca: "Constroem-se asas, fabricam-se balões e alinhado-se a asa às forças motorizadas, faz-se o primeiro avião e esta gloria coube ao Brasil, enaltecendo as qualidades geniais do grande inventor, o mineiro Alberto Santos Dumont."

Tais considerações são bastante pertinentes em pleno período de guerra. Não apenas o avião, mas seu inventor é exaltado e colocado em destaque nas páginas do

jornal “A União”. No mesmo artigo, o Padre Luiz Santiago tece mais comentários sobre o avião: “A aviação é o passo mais agigantado da humanidade na ordem de locomoção”.

E ainda eleva a importância do avião na guerra: “é um grande órgão de defesa, uma eficiente estratégia de guerra, um meio inigualável de transporte e por fim uma arte e uma ciência novas. O seu papel civilizador é incalculável”. Levando em consideração as palavras do padre, passamos a nos questionar: qual relevância o avião vai assumir na Segunda Guerra Mundial no contexto brasileiro e paraibano?

Quando nos voltamos para a própria origem do avião, percebemos que o desejo humano de voar remota desde os tempos pré-históricos. Ao longo dos séculos, desenhistas e artistas projetavam no papel espécies de aeronaves ou modelos que possibilitassem no futuro ao ser humano conseguir conquistar o espaço aéreo. Um grande exemplo é o “Ornitóptero”, ou seja, uma espécie de máquina projetada para voar idealizada por Leonardo da Vinci.

Com o passar do tempo, inúmeras tentativas com instrumentos reais foram materialmente criados para voar, principalmente a partir do século XIX, no qual foram registradas experiências de se produzir um aparelho aéreo que pudesse decolar através de meios próprios. Contudo, no início do século XX é que foram obtidas as primeiras experiências bem sucedidas no que toca a história da aviação.

Uma grande controvérsia que gera polêmica até os dias atuais é saber de quem foi o autor do primeiro vôo. Esse mérito é disputado entre os americanos irmãos Wright e o brasileiro Alberto Santos Dumont. Entretanto, as experiências dos irmãos Wright foram realizadas na maioria das vezes em locais isolados, na presença de poucas testemunhas, inclusive suas demonstrações para as forças armadas dos Estados Unidos e de outros países não obtiveram êxito. Somente em 1908 na França, com a presença de um público considerável é que os irmãos Wright conseguiram demonstrar publicamente sua primeira experiência de vôo.

Diferentemente dos irmãos Wright, o brasileiro Alberto Santos Dumont criou uma série de modelos dirigíveis, dos quais alguns obtiveram sucesso, outros não. Mesmo assim, Santos Dumont foi o primeiro a decolar a bordo de um avião impulsionado por motor a gasolina. Sua experiência foi registrada publicamente no dia 23 de outubro de 1906 na cidade de Paris no avião 14-Bis.

Para os brasileiros, Santos Dumont não é apenas considerado o inventor do avião, como também é o “Pai da Aviação”. Tratado como um herói nacional brasileiro, Dumont jamais imaginaria que seu invento tomaria outros rumos, de modo que passaria de meio de transporte para um importante instrumento de guerra.

As primeiras experiências do uso do avião como instrumento de batalha ocorreram na Primeira Guerra Mundial. Inicialmente utilizado como para acompanhar a estrutura e deslocamento das tropas inimigas. Em seguida, foi verificada sua capacidade para lançamento de bombas, provocando muitos estragos em curto espaço de tempo. Aos poucos o avião foi sendo aprimorado e utilizado definitivamente como uma das mais importantes armas de guerra.

Mesmo possuindo ao seu favor o “Pai da Aviação” e abarcando a honra de ser o primeiro país a desenvolver o avião, a produção aérea no Brasil se desenvolveu timidamente, não apresentando um respaldo considerável quando comparado com a produção das outras potências. Assim temos algumas reportagens de destaque no jornal “A União” em relação à produção brasileira:

FABRICA DE MOTORES DE AVIÃO NO BRASIL

Será instalada na Baixada Fluminense

PATERSON (New Jersey), 24 (U. P.) — A fábrica de motores de avião Wright e Wirlid, no Brasil, será instalada na Baixada Fluminense, e terá a superfície útil de 180 000 metros quadrados, compreendendo oficinas, fundição e usina de fornecimento de energia e calor para o revestimento metálico dos edifícios da administração e hospital. As oficinas das máquinas serão anexadas a quatro compartimentos a prova de ruído. A fábrica construírá casas para operários, segundo desenhos aplicados nos Estados Unidos.

GRANDE ADIANTAMENTO PARA O BRASIL
NEW YORK, 24 (U. P.) — O coronel Guedes Muniz declarou que a fabricação de motores Wright e Wirlid no Brasil constitui um grande adiantamento para o seu país que até agora tinha de importar o que necessitava para a sua aviação. Disse que a especificação das peças dos motores será feita pelo governo brasileiro.

Mas adiante declarou o coronel Guedes que “nem que se fundassem a organização destinada a construção de motores Wright até 450 H. P., poderia nos iniciar em nossa fábrica a produção de motores de grande potência”.

ACORDO

NEW YORK, 24 (U. P.) — Anunciou-se que foi assinado um acordo entre o Brasil e a Wright Aeronautic Corporation pelo qual os motores “Wright” e “Wirlid” de sete e nove cilindros, com força de 250 a 450 HP passarão a ser fabricados no Brasil por uma empresa organizada pelo governo brasileiro. A empresa terá a primeira fábrica de motores de avião instalada no Brasil.

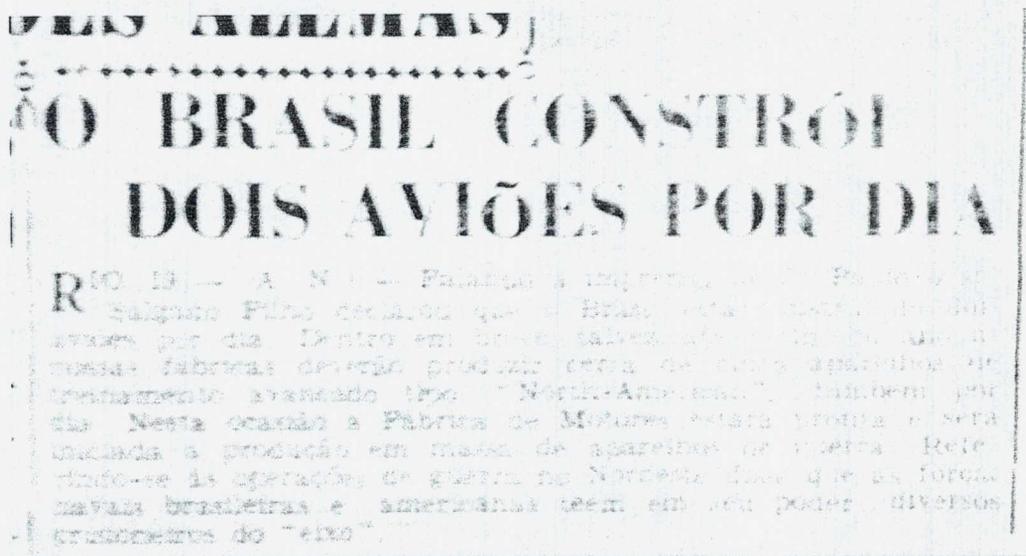
De New York informou-se que o contrato de fabricação dos motores de avião foi assinado em nome do Brasil pelo coronel Antônio Guedes Muniz. A fábrica será instalada na Baixada Fluminense e começará a funcionar em agosto próximo com o nome de Fábrica Nacional de Motores.

“A União” – João Pessoa - Ano L – 25 de fevereiro de 1942 - Número 44 – Página 5

Na reportagem destacada, o jornal registra como evento importante para o Brasil a instalação de uma fábrica de motores de avião, a “Wright e Wirlid”. De modo que apenas em fevereiro de 1942 é que o jornal nos dá indícios de uma preocupação com o desenvolvimento da indústria aérea no país. E conforme as palavras do Coronel

Guedes¹², esse seria o primeiro passo para que o Brasil passasse a iniciar sua própria produção de motores.

Já em 16 de maio de 1943, o jornal registra mais avanços no que toca a produção industrial de aviões no Brasil, assim temos o seguinte:



"A União" – João Pessoa - Ano LI – 20 de maio de 1943 - Número 112 – Página 5

Para um país que ainda não tinha sequer uma produção de motores para avião, a construção de dois aviões por dia em 1943 revela um salto bastante considerável para o Brasil. O primeiro ministro da aeronáutica, Salgado Filho declarou que até o final daquele ano a produção brasileira iria alcançar a marca de cinco aparelhos por dia, com a finalidade de realizar uma produção direcionada para a guerra.

Já quando nos voltamos para a questão aérea na Paraíba, o medo de um bombardeio aéreo deu origem ao Aero Clube da Paraíba. O Aero Clube iniciou suas atividades oficialmente em 10 de novembro de 1940, no bairro de Tambauzinho, na cidade de João Pessoa.

¹² Antonio Guedes Muniz foi o pioneiro da indústria aeronáutica brasileira. Em 1921 passou a servir na Companhia de Aviação da Arma de Engenharia, sediada em Marechal Hermes. Em 1925 partiu para a França, com a finalidade de cursar Engenharia Aeronáutica. Durante o curso projetou os aviões, dos quais um de seus modelos foi construído em 1929 pela fábrica Caudron.

O Aero Clube surgiu no contexto da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de promover a defesa aérea da Paraíba e conseqüentemente, do Brasil. Neste mesmo período havia uma necessidade da Força Aérea Brasileira aumentar o número de aviadores para sua reserva, bem como promover o aumento da aviação civil no país.

A presença do Aero Clube na Paraíba nos dá indícios de que, mesmo o Brasil ainda não tendo entrado diretamente no conflito da Segunda Guerra em 1940, o Estado da Paraíba já tinha se antecipado em construir um clube de aviação que pudesse dar suporte para as forças aéreas nacionais em caso de necessidade. Além de promover a segurança do estado, dando maior tranquilidade para os cidadãos paraibanos.

As notícias sobre o Aero Clube na Paraíba eram constantemente veiculadas pelo jornal e registradas como um avanço para os paraibanos e para todo Brasil. Sendo assim, temos a seguinte reportagem:

Encerrando a sessão, o'cia Militar do Estado.

PELO DESENVOLVIMENTO DA AVIAÇÃO CIVIL DA PARAÍBA

Doado pelos gaúchos o terceiro avião de Aero Clube de João Pessoa — Será paraninfo do "Marília" o comandante Amaral Peixoto — Um telegrama de sr. Assis Chateaubriand, diretor dos "Diários Associados" ao sr. Basileu Gomes, presidente do Aero Clube desta cidade

A AVIAÇÃO civil na Paraíba está recebendo o seu impulso decisivo, dentro dos objetivos da campanha aeronáutica que se processa atualmente em todo o Brasil, com o interesse tomado pelo sr. Assis Chateaubriand, diretor dos "Diários Associados" no sentido de aparelhar o Aero Clube desta cidade para iniciar, brevemente, com eficiência o seu curso de pilotagem.

Assim mais uma esplêndida vitória.

Para paraninfo do "Marília", o sr. Interventor Federal e o sr. Basileu Gomes, presidente do Aero Clube de João Pessoa, deliberaram convidar o comandante Amaral Peixoto, interventor do Estado do Rio, onde foram preparadas expressivas festividades em homenagem à Paraíba no dia do batismo daquele avião.

A esse propósito, o sr. Assis Chateaubriand enviou ao sr. Basileu Gomes, presidente do Aero Clube desta cidade, o seguinte despacho, comunicando, ao mesmo tempo, a doação de mais um aparelho, o "Pedro Ivo" ao Aero Clube da Paraíba:

S. PAULO, 27 — O "Campos Sales" está pronto para a entrega. O batismo do "Marília", doado a vocês pelos algodoeiros marilienses, será no dia oito. Obtenha do nosso

PEDESTRE: — Entre veículos em movimento, conserve-se livre. (L. E.)

Muitos anos dura uma lavagem de mamonas, produzindo compensadoramente. Lavador que funde cultura de povos alegres e lavador aviado, com grandes possibilidades de vencer na vida.

A cooperativa escolar é a escola indispensável de métodos úteis à Pátria, probes e ordenados, diligentes e trabalhadores, elementos de que a humanidade necessita — principalmente nesta fase tumultuosa que o mundo atravessa.

"COOPERATIVISMO"

Jornal "A União" — João Pessoa - Ano XLIX — 29 de outubro de 1941 - Número 248 — Página 4

Na reportagem em destaque, o jornal toma como importante evento a doação do terceiro avião para o Aero Clube de João Pessoa. Não obstante, outras doações também foram registradas nas páginas do jornal. Porém, é importante observar que o jornal

considera que o ato de doação faz parte de uma “campanha de nacionalismo que une todos os brasileiros num movimento do mais puro sentido patriótico”.

Em outra reportagem na mesma edição do jornal, é possível visualizar fotos e a exaltação do ministro da Aeronáutica na cidade de João Pessoa e sua recepção pelo interventor Ruy Carneiro. O jornal coloca na primeira página o papel preponderante do Brasil na defesa do hemisfério sul, em virtude da posição política e geográfica. Por outro lado, a chegada do ministro Salgado Filho também revela a necessidade de instrutores para um treinamento especializado e conseqüentemente, desenvolver a aviação no estado.

...ventor Ruy Carneiro e general mes, comandante e o chefe de

SERVIÇO DE DEFESA PASSIVA ANTI-AÉREA

COMO vem sucedendo em todos os recantos do território nacional, o Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea continua aqui as suas atividades, no intuito de treinar e preparar a população civil para as eventualidades da guerra.

Com esse objetivo e obedecendo as instruções da Diretoria Nacional, o Diretor Regional neste Estado reuniu todos os Chefes de Serviço combinando o estabelecimento de providências necessárias.

Terá assim, início na próxima semana, em dia e hora que serão previamente anunciados, o funcionamento dos cursos para

a preparação do pessoal que preencherá os quadros de Defesa Passiva Anti-Aérea.

Esses cursos terão desenvolvimento conforme os Serviços a que se destinem, ou seja, para Alertadores, Bombeiros Voluntários, Socorristas, etc.

Para isso, está sendo elaborado o necessário programa.

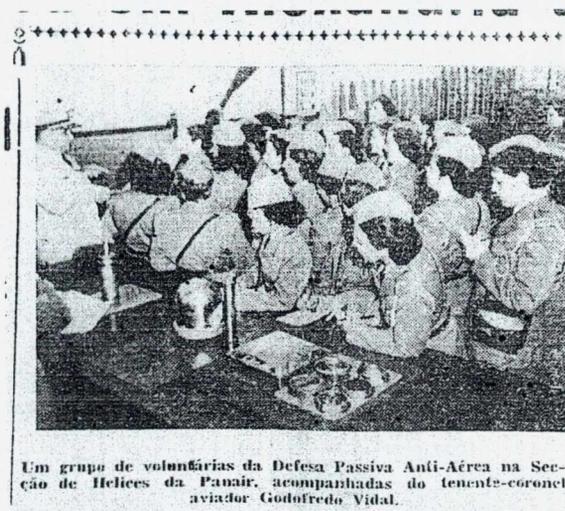
Os voluntários que quiserem frequentar esses cursos, deverão desde logo, fazer as suas inscrições na sede da Diretoria Regional.

De par com o andamento dos cursos, serão realizados exercícios de alerta, noturno e diurnos.

“A União” – João Pessoa - Ano L – 21 de janeiro de 1943 - Número 17 – Página 3

Não apenas foi criado o Aero Clube na Paraíba como sistema de defesa local e nacional, como também, foi estabelecido o “Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea”. Esse serviço surge a partir do Decreto-Lei nº 4.098 de 13 de maio de 1942 como um encargo necessário para defesa da pátria como forma de preparar a população civil para potenciais ataques, principalmente por via aérea, que pudessem advir das nações inimigas.

Dentre os encargos destinados aos serviços de defesa passiva, estavam os treinamentos a todos os indivíduos que estivessem em território brasileiro, com idade superior a 16 anos de idade, de modo a prepará-los para se proteger contra gases e remoção dos intoxicados, vigilância do ar, prevenção e extinção de incêndios, construção de trincheiras e abrigos de emergência, dentre outros. A reportagem anteriormente destaca, nos mostra o êxito que esse serviço teve no estado da Paraíba.



Um grupo de voluntárias da Defesa Passiva Anti-Aérea na Seção de Helices da Panair, acompanhadas do tenente-coronel aviador Godofredo Vidal.

Jornal "A União" – João Pessoa - Ano LI – 01 de junho de 1943 - Número 123 – Página 1

Com base na imagem destacada, é possível perceber a presença de várias mulheres que se colocaram como voluntárias para colaborar na de Defesa Passiva Anti-Aérea, de modo que ao lado esquerdo da imagem é possível visualizar o tenente-coronel aviador Godofredo Vidal.

Sendo assim, na Paraíba não apenas homens, como também mulheres receberam o treinamento de defesa passiva anti-aérea, o que demonstra um interesse local em contribuir para o desenvolvimento de um sistema de segurança que pudesse defender os céus paraibanos, seja através do Aero Clube, como também manter a população alerta e preparada para um possível bombardeio aéreo.

Encerramos esse capítulo, reconhecendo que o avião foi progressivamente se tornando uma poderosa arma de combate, utilizado pelos países em guerra inicialmente para a visualização das tropas inimigas, e posteriormente para o ataque a essas tropas através do lançamento de bombas.

Quando nos voltamos para o Brasil, percebemos que o fato de ser um brasileiro o inventor do avião poderia ter nos colocado numa posição privilegiada em detrimento das outras nações. Contudo, a indústria voltada para construção de aviões foi sendo desenvolvida timidamente no país, alcançando um maior respaldo em detrimento dos conflitos da Segunda Guerra Mundial e das demandas internacionais.

Verificamos também que o Estado da Paraíba acompanhou as transformações ocorridas no cenário nacional no que tocava a defesa aérea. Primeiramente através da criação do Aero Clube Paraibano como importante meio de defesa e, em seguida, com a implementação de um sistema de Defesa Passiva Anti-Aérea, preparando os cidadãos para um possível bombardeio aéreo que pudesse advir das potências inimigas.

CAPÍTULO II

A REAFIRMAÇÃO DA NAÇÃO NO CONTEXTO DE GUERRA

2.1 A Identidade Nacional e a Construção da Imagem do Inimigo

Para este último capítulo, iniciamos nossas considerações a partir do autor Stuart Hall, através do livro “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”. Hall no terceiro capítulo de seu livro trabalha com as culturas nacionais como comunidades imaginadas, inserindo de forma específica a questão da identidade nacional e o modo como é construída essa identidade.

Inicialmente para Hall (2003), as identidades nacionais não são impressas nos genes dos indivíduos, mesmo que pensemos nelas como parte de nossa natureza essencial. Contudo, ao mesmo tempo em que essas identidades são criadas, é difícil imaginar o sujeito moderno sem uma nação, tendo em vista que possuir uma nação passa a ser um atributo inerente ao ser humano. Assim temos que:

[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas transformadas no interior da *representação*. Nós só sabemos o que significa ser “inglês devido ao modo como a “inglesidade” (*Englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. (HALL, 2003, p. 48-49)

Com base na citação destacada, para Hall as identidades nacionais são transformadas no interior das representações, de modo que essa construção passa a ser realizada a partir dos feitos históricos e dos heróis nacionais que são criados para que os indivíduos que pertencem à determinada nação se orgulhem enquanto tal. No mesmo sentido, o autor ainda afirma o seguinte:

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentido – um sistema de *representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia de nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2003, p. 49)

Dessa forma, a nação se apresenta como uma comunidade simbólica, na qual as diferenças regionais e étnicas vão sendo colocadas em segundo plano, para dar lugar a toda uma cultura nacional que irá criar padrões generalizados, através da utilização de uma única língua vernácula, de uma única moeda, sistema educacional homogêneo e principalmente, uma história nacional que seja reconhecida e compartilhada por todos os cidadãos.

Já quando o autor quando se volta para as culturas nacionais, Hall (2003) afirma que essas culturas são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. De modo que, as culturas nacionais quando produzem sentidos sobre uma nação, também constroem identidades. Identidades que são formadas a partir dos sentidos contidos nas histórias sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o passado.

Stuart Hall enumera cinco elementos principais que auxiliam na construção da identidade nacional. O primeiro elemento é a narrativa da nação, contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais. Essas histórias passam a representar as experiências partilhadas, as perdas e os triunfos que são sentidos à nação.

O segundo elemento enumerado pelo autor é a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade, visto que, os elementos essenciais do caráter nacional devem permanecer imutáveis ao longo da história.

Já na terceira estratégia discursiva, Hall cita Hobsbawm e o que ele chama de “invenção da tradição”, ou seja, das tradições que são inventadas, aparentemente antigas, mas que quando investigadas suas origens, descobre-se que são tradições recentes. Essas tradições inserem nos indivíduos um conjunto de valores e normas comportamentais através da repetição.

O quarto elemento trazido por Hall é a identidade nacional criada a partir do “mito fundacional”, que corresponde na maioria das vezes a histórias de um passado remoto, que abordam a origem da nação e do seu povo, fazendo referência a um tempo “mítico” ao invés de um tempo “real”.

Por fim, a identidade nacional também é baseada simbolicamente na ideia de um “povo original” ou “puro”. Apesar desse “povo puro” constituir a origem de uma nação,

Hall observa que raramente esse povo primordial persiste ou exercita o poder. Para completar as considerações de Hall temos a seguinte citação:

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. (HALL, 2003, p. 56)

A partir das considerações de Hall, já é possível compreender um significado maior para a Segunda Guerra. Se Hitler baseou-se na idéia de uma “raça ariana” e conseqüentemente “pura” para afirmar a superioridade alemã diante do mundo e também para justificar seu governo totalitário e a ideologia nazista, os países em conflito na Segunda Guerra Mundial também irão se voltar para um sentimento nacionalista, exaltando sua nação e os atributos de seu povo diante da guerra.

Desse modo, a Segunda Guerra passa a ter um significado maior, para algumas nações representará a luta do bem contra o mal, para outras, uma forma de reafirmar a nação perante o mundo, ou ainda, para criar ou recriar uma história de glórias que possa ser lembrada pelos seus cidadãos, deixando para a posteridade um legado de memórias, de documentos e monumentos.

Observando a história do Brasil, percebemos que o país durante muitos séculos apresentou pouca relevância no cenário internacional para os países europeus. Inicialmente o país se apresentava para a Europa como mero fornecedor de matérias-primas. Já na condição de colônia de Portugal, passa a fornecer açúcar e posteriormente minérios no cenário internacional. Mais adiante, com a produção do café, o país se encontra completamente dependente do mercado consumidor internacional, principalmente dos Estados Unidos e das variações de preços que o café vai sofrendo.

Além da abordagem econômica, a situação do Brasil era pouco confortável também diante dos demais países latino-americanos. Primeiramente por efetivar uma independência que dependia do reconhecimento de Portugal, nesse caso, o governo brasileiro teve que pagar uma indenização a Portugal de dois milhões de libras esterlinas

para ter sua independência reconhecida. No tocante ao fim da escravidão no Brasil, esta se deu de forma lenta e gradual, realizada principalmente através de pressões por parte da Inglaterra, que aspirava por mercados consumidores.

Sendo assim, o Brasil foi o último país independente do continente americano a abolir a completamente a escravidão. Por fim, no que toca a Proclamação da República no continente Americano, o Brasil durante quase todo século XIX, foi a única monarquia que persistiu no continente, diante das pequenas repúblicas latino-americanas. O próprio processo de Proclamação da República no Brasil se deu alheio a maior parte da população. Fazia-se necessário que o Brasil mudasse sua imagem diante do mundo e se afirmasse enquanto nação.

Quando nos voltamos para o contexto da guerra e as relações entre Brasil e os países do Eixo, o jornal “A União” noticiava inicialmente a neutralidade brasileira diante da invasão alemã na Polônia. Na mesma página em que declarava a neutralidade do Brasil, o jornal também enfatizava a posição dos Estados Unidos, que se mantiveram neutros até os ataques à Pearl Harbor.

No caso do Brasil, sua posição era a de que só haveria um posicionamento da nação brasileira caso algum outro país realizasse um ataque direto ao Brasil. A posição brasileira se matinha indefinida e dúbia. Na medida em que o Brasil contraía empréstimos com os Estados Unidos, ao mesmo tempo o governo de Getúlio Vargas demonstrava simpatia com os regimes totalitários.

Em fevereiro de 1942, com os ataques dos submarinos alemães contra os navios brasileiros, o Brasil teve que tomar um posicionamento diante da guerra. A decisão do governo brasileiro de entrar na guerra contra os países do Eixo não ocorreu de forma imediata. De modo que, foram necessários inúmeros protestos por parte da população para que o Brasil finalmente declarasse guerra à Alemanha nazista e aos outros países do Eixo.

Sendo assim, conseguimos visualizar a representação da revolta popular através do jornal “A União”, em observação a algumas de suas reportagens, dentre elas, temos a seguinte:

TEVE PROFUNDA REPERCUSSÃO NAS AMÉRICAS O AFUNDAMENTO DO NAVIO NACIONAL "BUARQUE"

A INGLATERRA INVADIRÁ O CONTINENTE

Organização de tropas
de infantaria aérea

HELIGOLAND

LONDRES, 19 (U. P.) — A Inglaterra será a cabeça de ponte, para uma tentativa de invasão ao continente europeu. Não foi revelada quando se pre-

(Conclui na 2.ª pag.)

A IMPRENSA DO PAÍS CLAMA DIANTE A COVARDE AGRESSÃO NAZISTA

RIO, 19 (A. M.) — Em editorial matutino condena energicamente o ataque ao "Buarque" e diz: "O nazista é covarde e traiçoeiro. Salteador, por doutrina, o alemão nacional-socialista faz da pirataria a sua tática.

A agressão com que esse charlatão internacional — que é Adolf Hitler, que inicia suas hostilidades diretas contra o Brasil — só poderia caracterizar-se pela legenda de um bando de criminosos que se reúne num partido: — Covardia e Traição.

É preciso que os alemães não pensem que o atentado do "Buarque" ficará sem um revide ou no simples limite de um protesto."

DAS PREOCUPAÇÕES DE PAZ PARA AS DECISÕES DE GUERRA

RIO, 19 (A. M.) — Comen-

tando o afundamento do "Buarque" na 2.ª pag.)

NOTA DO ITAMARATI

RIO, 19 (A. N.) — Por intermédio do Departamento da Imprensa e Propaganda o Itamarati comunica:

"Segundo informações recebidas de Consulado do Brasil em Norfolk pelo Itamarati, foi salva toda a tripulação do navio "Buarque". Apenas um dos 11 passageiros Manuel Rodrigues Gomes, português, faleceu. Outros tripulantes de navio foram recolhidos ao Hospital de Norfolk, de onde se transferiram para New York, sob os cuidados do Lloyd Prosbitore.

RESISTEM AS TROPAS DE MAC ARTHUR

Os japoneses realiza-
ram novos desem-
barques

ABOLIÇÃO

WASHINGTON, 19 (U. P.) — As tropas do general Mac Arthur, na península de Bataan, estão resistindo firme-

Jornal "A União" — João Pessoa - Ano L — Publicado em 20 de fevereiro de 1945 - Número 40 —
Página 01

Conforme a reportagem destacada é possível perceber que não apenas a população se sentiu indignada, mas a própria imprensa se posiciona contra a agressão nazista. Observando o título "A Imprensa do País Clama Diante da Covarde Agressão Nazista", o jornal já traça uma representação do nazista, colocando-o como covarde, traiçoeiro e salteador.

A imagem de Adolf Hitler é rapidamente demonizada, sendo chamado de "charlatão internacional". E o próprio jornal deixa um aviso à Hitler: "É preciso que os alemães não pensem que o atentado do "Buarque" ficará sem um revide ou no simples limite de um protesto". Desse modo, o jornal toma partido e deixa claro, antes mesmo do posicionamento do presidente da república, que o Brasil irá revidar a atitude desse "bando de criminosos".

É importante fazer algumas ressalvas, visto que a imprensa na época da Segunda Guerra Mundial era o principal meio de comunicação, juntamente com o rádio. As notícias nacionais e internacionais, principalmente das cidades interioranas eram obtidas através do jornal. Sendo assim, a opinião contida em uma matéria jornalística tinha seu papel na formação da opinião popular, de modo que as reportagens veiculadas poderiam influenciar o comportamento da população. Daí então compreender que o jornal por seu

poder de influência e convencimento, poderia estimular a revolta dos brasileiros em relação aos países do Eixo.

Em outra reportagem, o jornal "A União" enfatiza a revolta popular, falando da indignação de todos os brasileiros. Assim temos:



Jornal "A União" – João Pessoa - Ano L – Publicado em 12 de março de 1942 - Número 57 – Página 01

Nesta página, são destacadas quatro importantes informações. A primeira delas é a que está no topo, informando o seguinte: "Sinistro Ultraje ao Brasil", mais embaixo, com letras claras informa: "torpedeado, a noite, o navio nacional "Cayru" em seguida, avisa que "Todo o país vibra de indignação contra os Piratas do "Eixo". E por fim, descreve o ataque de forma mais minuciosa na reportagem intitulada "A América de Luto". Sendo assim, o jornal não apenas conta um fato relacionado ao ataque dos "piratas do eixo" contra o navio Cayru, como ao enfatiza quatro vezes seguida a informação, nos dando indícios de querer provocar a raiva e a revolta no leitor.

Diante das reportagens selecionadas, o jornal nos dá indícios do aparecimento de um sentimento de comoção nacional e por outro lado, de uma união que vai sendo estabelecida entre os brasileiros. Fazendo-nos supor que começa a aflorar o sentimento de nacionalismo.

Se durante o final do século XIX e início do século XX houve uma forte tentativa do governo em promover instituições que pudessem criar uma identidade nacional e exaltar o orgulho de ser brasileiro, diante do ataque alemão e da união dos brasileiros diante da guerra, supomos que esse sentimento começa a surgir diretamente por parte da população, sem deixar de ignorar as influências da imprensa.

Obviamente, no momento em que o Brasil se posiciona em favor dos Aliados, o jornal "A União" começa a trazer uma série de representações dos inimigos. E essas representações podem ser visualizadas através de imagens, que demonizam os representantes dos países do Eixo. Assim temos a seguinte imagem:



A imagem apresentada pelo jornal é bastante marcante e contém uma legenda que expressa seu significado a partir da própria interpretação do jornal. Sendo assim, é possível visualizar na parte central da imagem a figura que seria de Hitler em destaque, montado em um cavalo. Segurando em seu braço direito um cajado com o símbolo nazista na ponta. Ao lado direito aparecem alguns soldados segurando em suas mãos o que seriam fuzis de guerra. Ao lado esquerdo da imagem de Hitler aparece outro indivíduo montado a cavalo, porém é representado com menor em estatura e seu cavalo também aparece diminuído, seria a representação do aliado de Hitler, o italiano Benito Mussolini.

No lado esquerdo ao fundo da imagem, também é possível visualizar outro cavalo, porém com seu soldado debruçado, adormecido. Apesar de não haver nenhuma referência a esse terceiro elemento montado a cavalo na legenda da imagem, podemos deduzir que seria a representação dos japoneses, completando o grupo de países que formavam o Eixo.

Também não pode passar despercebido o lado direito da imagem, no canto superior, onde aparece uma figura que se assemelha a uma caveira, segurando um cajado nazista, podendo representar um dos anjos do apocalipse.

No que toca a própria legenda do jornal, a imagem é considerada um símbolo da tragédia de sangue. Realizando uma representação de Hitler e dos países que formam o Eixo. Com a legenda chamando os soldados de Hitler de vassalos, nos remete automaticamente à Idade Média, ou seja, período da história considerado como “Idade das Trevas”.

O posicionamento do jornal é claro a partir da imagem apresentada. Se em um primeiro momento quando não havia um posicionamento do Brasil e a nação se mantinha neutra diante da guerra, as edições do jornal “A União” não traziam em evidência uma imagem negativa dos países que pertenciam ao Eixo. Muito menos havia representações no jornal que caracterizassem os líderes dos países envolvidos, seja dos Aliados ou do Eixo.

Contudo, quando há um posicionamento do próprio jornal diante da guerra, começam a surgir em suas páginas termos comparativos e imagens para ridicularizar seus rivais. Não obstante, também encontramos no próprio jornal “A União” outra imagem representando outro país integrante do Eixo, assim temos:



Jornal "A União" – João Pessoa - Ano LIII – Publicado em 05 de maio de 1945 - Número 98 –
Página 03

A partir da imagem, é possível visualizar no canto direito a presença de um homem com traços orientais, que entra no ambiente que seria sua casa. É possível observar em destaque o homem entrando no ambiente com pé esquerdo. Já do lado esquerdo da imagem, encontramos a figura de uma mulher, ajoelhada e de cabeça baixa, diante do homem que entra, e que seria seu marido. A partir dos traços representados, é possível inferir que se trata de uma representação dos japoneses.

Em seguida, o próprio jornal insere uma legenda, demonstrando os motivos que fazem essa mulher tão infeliz. Dentre os motivos, está o fato de ter que ajudar o marido a tomar banho, ter que seguir o marido onde quer que ele vá e por fim, ser obrigada a adotar os filhos das amantes do marido.

Inicialmente, pelas credences ocidentais, as pessoas são estimuladas a entrar nos ambientes com o pé direito e não com o pé esquerdo. Entrar “com pé direito”, revela muito mais que uma expressão, ela se materializa através de um hábito relacionado com o desejo do indivíduo de atrair sorte para sua vida, ou seja, alguns indivíduos acreditam que tal hábito possa de alguma forma, fazer com que as coisas ocorram bem naquele ambiente.

Entrar “com pé direito” é um hábito herdado dos povos romanos, que consideravam haver uma distinção entre o lado direito e o lado esquerdo. De modo que, para eles o lado direito representava o bem, enquanto que o esquerdo representava o mal. Daí compreender que quando os romanos realizavam grandes festas, pediam aos seus convidados que adentrassem no recinto com o pé direito, para chamar a atenção das divindades positivamente e, conseqüentemente, garantir que tudo ocorra bem ao longo do evento.

Também é possível nos voltamos para a simbologia construída na Idade Média sobre esse hábito, a partir das leituras baseadas na bíblia. Dessa forma, podemos fazer referência ao salmo 110 da bíblia, o “Salmo de Davi”, no qual afirma: “O Senhor, à tua direita, ferirá os reis no dia da sua ira”. E esse pensamento também é repetido na Oração do Credo, no qual afirma que após a ressurreição, Cristo subiu aos céus e está sentado à direita do pai.

Desse modo, quando o jornal representa o japonês entrando em seu lar com o pé esquerdo, não apenas o japonês é representado como o símbolo do azar, como ao mesmo tempo, ele é representado como o símbolo do mal, do diabo. Além disso, o jornal usa os hábitos dos japoneses como forma de estranheza e de crítica, representando uma mulher submissa e infeliz.

Em um país como o Brasil que não reconhecia os filhos que eram tidos fora do casamento, os chamados “bastardos” ou “ilegítimos”, ver uma mulher adotar os filhos da amante do marido, representava uma afronta aos princípios morais e religiosos da época.

Desse modo, a partir das imagens apresentadas no jornal “A União” é possível perceber que houve toda uma construção simbólica do inimigo, associando a guerra a uma luta do bem contra o mal. De modo que, indubitavelmente, os países que pertenciam ao Eixo representavam o mal.

2.2. O Nacionalismo Brasileiro Expresso no Jornal

Depois de observadas as imagens que denotam a construção da imagem dos inimigos, o jornal passa a criar a própria imagem dos brasileiros através de algumas reportagens. Dentre elas temos a seguinte:

(Conclui na 7ª pag.)

Afirmção do valor da raça brasileira

"Nossos soldados nos elevaram a um merecido conceito e a um justo renome" — declara o general Cristovão Barcelos á Agência Nacional

RIO, 3 (A. N.) — A situação da Força Expedicionária Brasileira nos campos de batalha da Itália mereceu louvores e elogios dos mais destacados chefes das Nações Unidas. Todos têm sido unânimes em louvar a disciplina, bravura, capacidade de adaptação e principalmente o destemor que marcam os comandantes e soldados do Exército de Lima e Silva. Em verdade, nada detém os homens da F. E. B., nem os rigores do clima, nem os trepous e as curvas dos Apeninos. Compreendidos de suas responsabilidades, os soldados brasileiros lançaram-se e lançam-se á disputa de posições as mais difíceis, com um arrojado e um desprendimento só comuns mesmo aos maiores e mais combativos soldados. Foi assim agindo, pois, que a F. E. B. se tornou admirada e citada, notavelmente distinguida com seu acervo de triunfos custosos, como a tomada de Monte Castello, de Zocca e de outros pontos fortemente defendidos pelos comandados de Kesselring. A última façanha das forças que obedecem ao comando do general Mascarenhas de Moraes foi o aprisionamento de uma divisão alemã, graças a uma manobra arrojada e feliz de nossas tropas — manobra que tirou do inimigo qualquer possibilidade de resistência. A repercussão desse triunfo da F. E. B. tem sido intensa em todos os recantos do mundo, enchendo-nos de justo orgulho, pois nada mais representa que grande apuro técnico e combatividade extraordinária alcançados pelos exércitos do Brasil. A propósito desse memorável feito estratégico, que tão alto elevou o prestígio do pavilhão auri-verde no cenário da guerra, procuramos ouvir o general Cristovão Barcelos, chefe do Estado-Maior do Exército.

O brilhante soldado, plente de nosso propósito, assim se exteriorizou sobre o retumbante feito militar:

"O aprisionamento dum diviúgio alemã, das melhores, e com seu chefe e todo o Estado-Maior, evidenciou, mais uma vez, a capacidade de manobra de nossa tropa. Não foi uma revelação para nós, que conhecemos bem de que é capaz o nosso soldado, o que vale dizer nossa gente, quando bem dirigida. E guias esclarecidos e energicos não têm faltado á nossa F. E. B. Se é nos campos de batalha que se exibem as virtudes primaciais de um povo, não mostramos ao mundo na Itália, apenas o que é nosso Exército, mas o que é nossa raça, o que somos e o que valemos. O envolvimento de uma grande unidade só se conseguiu por hábil concepção de manobra, honreza e rapidez de execução, por uma tropa destre e ágil, e para esta manobra não faltaram inteligência esclarecida dos chefes e flexibilidade e destemor de nossos bravos soldados. Nossas F. E. B. só tem, extra, alcançando vitórias e glórias para as nossas armas e o honra do Brasil. A principio, os chefes americanos vacilaram em empregá-los; depois, destinaram-lhe missões mais difíceis e importantes. Assim, também, mesmo para as nações amigas, firmamos uma inegável prova afirmativa e uma realidade, em meio a hipóteses que, de má ou boa fé, faziam da nossa capacidade de organização e de ação. Nossos soldados nos elevaram a um merecido conceito e a um justo renome. Lá nos campos de batalha não têm faltado o espírito de sacrifício, o sentimento patriótico e comprometimento de dever. Que aqui não faltaram esses atributos, que elevam um povo que erguem uma nação nos transe difíceis da sua existência".

CONF. DE SÃO

Em considerações sobre o plano Du

O Brasil como membro Executivo — A Argentina para participar do conc questão polonesa

SÃO FRANCISCO, 3 (U. can P.) — A delegação ameri- obti- tos

Jornal "A União" — João Pessoa - Ano LIII — Publicado em 04 de maio de 1945 - Número 98 —
Página 08

Quando nos voltamos ao desempenho da Força Expedicionária Brasileira (FEB), o jornal "A União" traz em uma de suas reportagens, referência ao valor da raça brasileira. Os soldados brasileiros são exaltados na condição de heróis da pátria, principalmente pelo aprisionamento de uma forte divisão alemã e de seu comandante.

Além disso, o jornal destaca na reportagem selecionada, a reviravolta dos soldados da FEB na guerra, visto que o soldado brasileiro em um primeiro momento é colocado como incógnita, até mesmo pelos próprios aliados. Contudo, em virtude da

Dessa forma, no discurso de Vargas retratado pelo jornal, o presidente passa a exaltar o patriotismo brasileiro, fazendo referência sobre a necessidade de lutar para garantir defesa das tradições cristãs da família brasileira, pela existência digna e pela liberdade. Logo em seguida, o jornal faz uma ponte do discurso de Vargas com a responsabilidade do Brasileiro diante da guerra e do futuro da nação.

Além disso, segundo as palavras do jornal, os brasileiros devem realizar todos os sacrifícios de ordem moral e material para defender o Brasil. Visto que, a obrigação do Brasil em prestar sua solidariedade às Nações Unidas também se torna uma obrigação, por garantir a permanência de nossas sólidas tradições e do nosso próprio futuro.

A partir dessa reportagem, o jornal não apenas exalta o espírito patriótico dos brasileiros, como inspira um sentimento de união e de luta que requer o dispêndio de todos os meios e recursos possíveis na tentativa de tornar o Brasil uma nação vitoriosa.

Ao findar a guerra, o jornal “A União” traz em sua principal capa, comentários dedicados à vitória das Nações Unidas. Assim temos:



O DIA de hoje é consagrado à vitória. Vitória das Nações Unidas na guerra sem tréguas ao nazi-facismo que por tantos anos vinha infeccionando o mundo numa das mais sanguinolentas lutas de que há memória. Felizmente o denodo e a capacidade de sacrifício dos exércitos aliados conseguiram esmagar o inimigo que se rendeu, entem incondicionalmente. O dia de hoje é de intenso júbilo para a humanidade, livre que está do perigo de perder a liberdade e ficar subjugada à tirania de um regime contrário às conquistas de vinte séculos de civilização. Para que a liberdade ressurgisse no mundo, como agora podemos anunciar, esmagada como se encontra a máquina de guerra da Alemanha, incensos foram os esforços dos povos amantes da liberdade e partidários do primado do direito nas relações internacionais; muito foi o sangue derramado; milhões de vidas perdidas; centenas de cidades destruídas; um sem número de navios mergulhados no fundo dos mares; lares enlutados; homens, mulheres e crianças mutilados pelos bombardeios; fome, tristeza, luto, lágrimas, toda uma infundável esteira de sacrifícios, na qual a alma humana suportou a mais dura prova e deu mostras incomparáveis de sua capacidade de sofrimento. Tanto custou a Vitória que o mundo inteiro, tomado do mais justo júbilo, celebra com entusiasmo e com o coração cheio de esperanças. Esperanças as mais alentadoras, como recompensa de tantos anos de miséria e carnificina. Dentro desse panorama convulsionado, a nossa contribuição de brasileiros participou de todas as angústias que atingiram os povos das nações aliadas, e solidário com a cruzada pela restauração da liberdade na face da Terra, colaborou, em igualdade de condições, com os exércitos vitoriosos, enviando aos campos de batalha da Europa, um grande contingente do seu poderio militar. A Força Expedicionária Brasileira honrou, no mais alto grau, o nome do Brasil. Sentimos orgulho desse puzilo de bravos patriotas que, nos campos de batalha, reafirmou as gloriosas tradições dos soldados de Cavaleiros. A Paraíba sentiu-se particularmente ufana de ter nos efetivos da F. E. B. muitos de seus filhos, classificados desde as mais altas patentes até o “pracinha”, prestando o seu tributo para que o nome da pátria continue imarcescível e as tradições de bravura das nossas forças armadas não sofram qualquer solução de continuidade. E todos eles se portaram dignamente, bravamente, como soldados e como brasileiros. Delmiro de Andrade, Carvalho, Lisboa, Edson Ramalho e outros, muitos outros entre sargentos e soldados, todos eles enfileiram-se garbosos na galeria dos heróicos expedicionários do Brasil.

Dia histórico pelo sentido libertário de que se reveste, desfofegando-se a humanidade pelo peso construtor da tirania, e penetrando resoluta na aurora de uma nova era, chamada pelos acesos promissores de um mundo melhor, de mais justiça, de mais espírito de fraternidade, de mais compreensão entre os homens, para que os povos se entendam sem lutas demolidoras e sangrentas, voltando a imperar sobre a Terra o espírito da paz e da concordia. A nossa terra se une numa consagratória exaltação das forças da liberdade, fremente de entusiasmo, exultando de contentamento porque soube sentir na plenitude de seus ansios, toda a tragédia que por seis anos avassalou o espírito do mundo.

A Paraíba, como o Brasil e a Humanidade, vive o maior dia do século, o dia da Vitória das Nações Unidas, o Dia da Liberdade.

Ao analisar a reportagem, percebemos inicialmente o tamanho da importância da vitória na guerra para os brasileiros e paraibanos, a ponto do jornal dedicar uma página inteira falando sobre esse episódio histórico. Inicialmente o jornal contextualiza o que ficou consagrado como “o dia da vitória”, abordando a trajetória da guerra, marcada por sanguinolentas lutas, milhões de vidas perdidas, cidades destruídas, navios mergulhados no fundo dos mares.

Contudo, a derrota da Alemanha passa a ser representada na reportagem como um momento no qual o mundo inteiro celebra com entusiasmo e o coração cheio de esperança. Não obstante, a contribuição brasileira é exaltada, a partir dos soldados que fizeram parte da Força Expedicionária Brasileira, segundo o jornal, honrando o nome do Brasil, através de sua bravura, reafirmando as gloriosas tradições dos soldados do Duque de Caxias.

Ademais, o jornal insere o posicionamento da Paraíba no conflito, afirmando que muitos de seus filhos prestaram tributo para que o nome da pátria continuasse imarcescível, permitindo ao país entrar em uma nova era. Desse modo, o jornal encerra a reportagem afirmando o seguinte: “A Paraíba, como o Brasil e a Humanidade, vive o maior dia do século, o dia da Vitória das Nações Unidas, o Dia da Liberdade”. Já em matérias posteriores é possível verificar toda cobertura que o jornal realizou sobre as comemorações da guerra. Assim, podemos visualizar:



Na matéria em destaque, o jornal nos trás uma idéia da reação dos paraibanos diante da vitória brasileira. Afirmando que milhares de pessoas saíram às ruas para comemorar o histórico feito das Nações Unidas. A comemoração se estendeu para as praças centrais de diversas cidades da Paraíba, com a presença do discurso do interventor Ruy Carneiro e das comemorações que foram realizadas nos clubes.

Concluimos este capítulo percebendo inicialmente a guerra como um importante fator na contribuição da construção da identidade nacional, tendo em vista que muitas nações se apegaram e se apegam até os dias atuais, a um passado de glórias para se afirmar diante do mundo.

No contexto da Segunda Guerra, alguns países encaram a luta como um conflito realizado entre as forças do bem contra as forças do mal. Daí compreender os motivos pelos quais o jornal trazia em suas páginas não apenas ofensas aos inimigos, como também caricaturas que pudessem representá-los e associá-los a figuras diabólicas.

Foi criado não apenas uma exaltação nacional através do jornal, mas também surgiu a necessidade de luta do brasileiro, seu compromisso com a manutenção da liberdade e do próprio futuro do planeta. E mesmo que o país tenha enviado um contingente de soldados com pouca relevância, ou seja, pouco mais de 25 mil soldados, os resultados finais da guerra se refletiram em todo país. Principalmente na Paraíba, no qual foram noticiadas as comemorações que ocorreram em diversas cidades e que agitaram a vida de praticamente toda população do estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar às considerações finais deste trabalho, podemos afirmar que sua relevância contribuiu inicialmente para se pensar a Segunda Guerra mundial a partir de outros ângulos, ou seja, de modo a privilegiar a participação Brasileira diante do conflito. Realizar uma leitura da guerra tendo como principal fonte um jornal paraibano nos trouxe uma idéia de como a guerra foi sentida e vivenciada por nossos conterrâneos.

No decorrer da pesquisa, encontramos diversas reportagens nas quais o avião era inserido e constantemente citado como importante instrumento de guerra. A partir daí voltamos nossa atenção para falar do avião, enquanto um equipamento que surge na modernidade e posteriormente é utilizado como uma das armas que definiram os resultados da guerra.

Mesmo que o avião tenha sido criado por um brasileiro, verificamos que a indústria voltada para construção de aviões e equipamentos aéreos no Brasil apenas se desenvolveu em virtude da Segunda Guerra. Além disso, o medo de um bombardeio aéreo também modificou alguns hábitos dos brasileiros, criando não apenas sistemas de defesa que pudessem prevenir um ataque, como também houve toda uma orientação voltada para população sobre como se comportar diante de um bombardeio aéreo.

No que toca a questão da participação dos países envolvidos na guerra, percebemos que a participação e vitória da Segunda Guerra Mundial foram utilizadas para reafirmar o Brasil como nação. Tendo em vista que, através das matérias publicadas no jornal, percebemos uma grande exaltação da pátria, a necessidade do brasileiro de se manter unido e ter consciência de sua responsabilidade para se alcançar a liberdade e a paz mundial.

REFERÊNCIAS

- AERoclUBE DA PARAÍBA. **Histórico**. <<http://www.aeroclubedaparaiba.com.br/index.php?id=historico>> Acesso em 02 de março de 2013.
- ARENDR, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1989. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- A UNIÃO SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA. **Diário Oficial do Estado de Paraíba**. <<http://pt.io.gov.mo/Links/record/495.aspx>> Acesso em 22 de Janeiro de 2013.
- BARROS, José d'Assunção. **O Campo da História. Excepcionalidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERMAN, Marshall. **Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar: A Aventura da Modernidade**. Tradução: Carlos Felipe Moisés. Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras. 1986.
- CAPELATO, M. H. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed USP, 1988.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2 ed. Forense-Universitária, 2008.
- CHARTIER. Roger. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1991.
- _____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era da Guerra Total**. In A Era dos Extremos. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 29-60.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade**. São Paulo: Ática, 1986, p. 61-89.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Resgate histórico do jornalismo brasileiro – parte 1: Dos primórdios até a Proclamação da República**. Memória e Imprensa. <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoriaimprensa_edicoesanteriores3/pdf/colaboracao_memoria_da_imprensa.pdf> Acesso em 15 de Janeiro de 2013.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: DPL Editora, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Introdução: Pelos Caminhos da Imprensa no Brasil**. Editora Contexto. <http://www.editoracontexto.com.br/%2Fdownloads%2Fd1%2Ffile%2Fid%2F915%2Fhistoria_da_imprensa_no_brasil_introduc_o.pdf> Acesso em 20 de Janeiro de 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org). **Fontes Históricas**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TRINDADE, José Damião de Lima. **História Social dos Direitos Humanos**. 1º ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2002.

VINCENT, Gérard. **Guerras ditas, guerras silenciadas e o enigma identitário**. In PROST, Antoine e VINCENTE, Antoine (orgs). **História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra aos nossos dias**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p. 201-247.

VIRILIO, Paul. **Guerra e Cinema**. Tradução: Paulo Roberto Pires. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1993.